

WWW



SOI  
2024

# GUIA ACESSÍVEL

Conselho de Paz e Segurança da União Africana - CPS-UA





UNIÃO NORTE-RIOGRANDENSE DOS ESTUDANTES DE DIREITO INTERNACIONAL  
SIMULAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS  
CONSELHO DE PAZ E SEGURANÇA DA UNIÃO AFRICANA

**PROFESSOR COORDENADOR**

Diogo Pignataro de Oliveira

**PROFESSOR COORDENADOR-ADJUNTO**

Thiago Oliveira Moreira

**DIRETORIA UNEDI**

**Secretária-Geral**

José Carlos Sobrinho Neto

**Vice-Secretária-Geral**

Juliana Anita Macêdo Pereira de Paula

**Primeiro-Secretário**

Pamela Araújo Xavier de Paiva

**Segunda-Secretária**

Maria Antônia de Sousa Ferreira

**Primeiro-Tesoureiro**

Renata Briolanja Araújo Xavier

**Segunda-Tesoureira**

Ana Isabel Fernandes Sousa

**DIRETORIA DA CPS-UA**

**Diretores Acadêmicos**

Ana Julia Alves da Costa

Aysha Camille Soares da Silva

**Diretores Assistentes**

Arthur do Nascimento Pereira

Dominique Vitória Barbosa dos Santos

Ivyson Henrique Oliveira Melo

Maria Clara Medeiros Lacerda

Cavalcanti

Victor de Azevedo Ramos

**Tutor**

Lucas Felipe da Silva

**NATAL/RN  
2024**

## RESUMO

O presente guia tem como finalidade ser um anexo ao conteúdo demonstrado no Guia de Estudos, focando, agora, nas delegações a serem representadas na XXIII SOI no comitê da CPS-UA. Para isso, deve-se entender características sócio-políticas, geográficas e culturais de cada país ou entidade, além dos seus aspectos de política interna e externa relacionados à temática debatida por este comitê. Nesse sentido, este guia conta com as informações básicas e referências que servirão de suporte para cada delegado. Portanto, este documento foi construído a partir de um esforço em grupo para a pesquisa em artigos, livros, tratados, documentos históricos e reportagens. Entretanto, apesar da sua vasta quantidade de informações, é essencial informar que este guia não é um fim em si mesmo, ficando aberta a pesquisa em fontes externas, como nos veículos referenciados nas notas de rodapé.

**Palavras-chave:** União Africana; Decolonialismo; Regimes Autoritários; Antirracismo; Conselho de Paz e Segurança da União Africana (CPS-UA).

## LISTA DE ABREVIATURAS

AFDC - Forças Democráticas pela Libertação do Congo-Zaire

ANC – African National Congress

BBC - British Broadcasting Corporation

BRICS – (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul)

CDAA - Comunidade de Desenvolvimento da África Austral

CEDEAO – Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental

CFA - Moeda utilizada em países africanos

CPS-UA – Conselho de Paz e Segurança da União Africana

FESPACO - Festival Pan-Africana de Cinema e Televisão de Uagadugu

FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola

FPR- Frente Patriótica Ruandesa

FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique

IDH -Índice de Desenvolvimento Humano

MLC - Movimento Pela Libertação do Congo

MPLA - Movimento Popular de Libertação da Angola

NDC - Congresso Nacional Democrático

NRC - Conselho de Redenção Nacional

ONU – Organização das Nações Unidas

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

OSCE – Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

OUA - Organização da Unidade Africana

PAIGC – Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde

PCC - Partido Comunista Chinês

PCT - Partido dos Trabalhadores Africanos

PIB - Produto Interno Bruto  
PPP - Partido Progressista do Povo  
RCA - República Centro Africana  
RCD - União Congolesa pela Democracia  
RDC- República Democrática do Congo  
RENAMO - Resistência Nacional Moçambicana  
SADC – Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral  
SMC - Seasonal Malaria Chemoprevention  
SMC - Supreme Military Council  
SWAPO - Organização do Povo do Sudoeste Africano  
TPIR - Tribunal Penal Internacional para o Ruanda  
TPI - Tribunal Penal Internacional  
TRRC - Comissão da Verdade, Reconciliação e Reparação  
TZS - Xelim Tanzaniano  
UA – União Africana  
UE – União Europeia  
UNC - União Nacional dos Camarões  
UNECA - Comissão Econômica das Nações Unidas para a África  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura  
UNIR - União para República

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2 ÁFRICA AUSTRAL</b>	<b>9</b>
2.1 ÁFRICA DO SUL	9
2.2 ANGOLA	11
2.3 BOTSWANA	13
2.4 MOÇAMBIQUE	15
2.5 NAMÍBIA	17
<b>3 ÁFRICA CENTRAL</b>	<b>20</b>
3.1 REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA	20
3.2 REPÚBLICA DO CONGO	22
3.3 REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO (RDC)	24
3.4 RUANDA	27
<b>4 ÁFRICA OCIDENTAL</b>	<b>32</b>
4.1 BURKINA FASO	32
4.2 CAMARÕES	33
4.3 GÂMBIA	35
4.4 GANA	39
4.5 GUINÉ-BISSAU	43
4.6 NIGÉRIA	45
4.7 SENEGAL	48
4.8 TOGO	50
<b>5 ÁFRICA ORIENTAL</b>	<b>54</b>
5.1 ETIÓPIA	54
5.2 TANZÂNIA	56
<b>6 NORTE DA ÁFRICA</b>	<b>59</b>
6.1 ARGÉLIA	59
6.2 EGITO	60
6.3 MARROCOS	63
6.4 TUNÍSIA	65
<b>7 UNIÃO EUROPEIA</b>	<b>67</b>
7.1 BÉLGICA	69
7.2 FRANÇA	71
<b>8 BRICS</b>	<b>73</b>

8.1 BRASIL	74
8.2 CHINA	76
<b>9 FEDERAÇÃO RUSSA</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Após a leitura do Guia de Estudos, o delegado deve buscar nesse presente Guia Anexo a sua respectiva delegação e ler as informações aqui contidas sobre ela. Em cada tópico (delegação), foi buscado introduzir um panorama geral sobre o país ou entidade internacional a ser representado. Desse modo, este Guia aborda aspectos sócio-políticos, culturais, geográficos e históricos de forma breve. Vale ressaltar que é interessante que o delegado busque expandir a pesquisa referente a sua respectiva delegação, não devendo restringir-se somente às informações aqui dispostas.

Como exposto, o tema a ser abordado será “A ascensão de regimes autoritários em África frente a um cenário decolonial”. Sua pertinência, como discutido no Guia de Estudos, faz-se pela complexidade dos desafios enfrentados pelo continente, incluindo crises humanitárias, guerras civis e regimes autoritários. Visto isso, tal temática emerge com a necessidade de promover análises e debates críticos sobre a problemática, bem como tecer uma compreensão aprofundada das questões sociais e geopolíticas africanas.

Portanto, este Guia deve ser utilizado como referência base, isto é, um norteamento para a pesquisa que cada delegado deve realizar para debater a temática proposta para a simulação.



## 2 ÁFRICA AUSTRAL

### 2.1 ÁFRICA DO SUL

A África do Sul está situada na extremidade meridional do continente africano. Com uma extensão territorial de aproximadamente 1.221.037 quilômetros quadrados, é um dos maiores países da África.<sup>1</sup> A população da África do Sul é estimada em cerca de 60 milhões de habitantes, tornando-se o 24º país mais populoso do mundo.<sup>2</sup> Ademais, existem onze idiomas oficiais, incluindo o zulu, xhosa, afrikaans e inglês, refletindo a complexidade étnica e cultural do país.<sup>3</sup>

O governo sul-africano é uma república parlamentarista, em que a estrutura de governo é baseada em uma constituição democrática, com um presidente que atua como chefe de Estado e de governo. A África do Sul possui três capitais, cada uma com uma função distinta: Pretória (executiva), Cidade do Cabo (legislativa) e Bloemfontein (judiciária). Esta divisão é uma herança do período colonial e visa descentralizar o poder administrativo do país.<sup>4</sup>

A cultura sul-africana é vibrante e diversa, sendo o reflexo da história do país. A influência cultural das comunidades indígenas, como os Zulus e Xhosas, é evidente em práticas tradicionais, músicas e

---

<sup>1</sup> NEL, Andres; *et. al.* **South Africa**. Enciclopédia Britannica. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/South-Africa>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>2</sup> **População total da África do Sul**. World Bank, 2022. Disponível em: [https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.TOTL?end=2022&locations=ZA&most\\_recent\\_value\\_desc=true&start=2022&view=bar](https://data.worldbank.org/indicador/SP.POP.TOTL?end=2022&locations=ZA&most_recent_value_desc=true&start=2022&view=bar). Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>3</sup> **The World Factbook - South Africa**. Central Intelligence Agency (CIA). Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/south-africa/#people-and-society>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

danças. É conhecida como a "nação arco-íris", um termo cunhado pelo arcebispo Desmond Tutu para descrever a diversidade étnica e cultural do país.<sup>5</sup>

Internacionalmente, a África do Sul é membro de várias organizações importantes, incluindo a União Africana (UA),<sup>6</sup> as Nações Unidas (ONU),<sup>7</sup> o Grupo dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul),<sup>8</sup> e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).<sup>9</sup> A participação nesses organismos reflete seu papel significativo nos assuntos regionais e globais.

Historicamente, a África do Sul passou por períodos de regimes autoritários, sendo o mais notório o *apartheid*, um sistema institucionalizado de segregação racial que vigorou de 1948 a 1994. Sob o *apartheid*, a população negra foi submetida a graves discriminações e exclusões sociais, econômicas e políticas.<sup>10</sup>

A transição para a democracia começou com a libertação de Nelson Mandela, em 1990, e culminou com as primeiras eleições democráticas em 1994, que levaram Mandela à presidência. Desde então, a África do Sul tem trabalhado para consolidar a democracia e superar as desigualdades socioeconômicas herdadas do *apartheid*. No

---

<sup>5</sup> **Gastronomia de múltiplas influências.** South African Tourism. Disponível em: <https://www.southafrica.net/br/pt/travel/article/gastronomia-de-m%C3%BAltiplas-influ%C3%A2ncias>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>6</sup> **Member State Profiles.** União Africana. Disponível em: [https://au.int/fr/etats\\_membres/profiles](https://au.int/fr/etats_membres/profiles). Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>7</sup> **Member States.** Nações Unidas. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/member-states>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>8</sup> **G20 Member Countries.** G20. Disponível em: <https://www.g20.org/pt-br>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>9</sup> **Member States.** Southern African Development Community. Disponível em: <https://www.sadc.int/pt-pt/member-states>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>10</sup> **What is apartheid?** Enciclopédia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/question/What-is-apartheid>. Acesso em: 28 maio 2024.

entanto, o país ainda enfrenta desafios significativos, como a corrupção, desigualdade, desemprego e violência.<sup>11</sup>

No cenário político atual, a África do sul se encontra no meio de um conturbado processo eleitoral, que promete mudar o rumo de sua política interna. O atual presidente da África do Sul, desde 2018, é Cyril Ramaphosa, que também é o líder do African National Congress (ANC), partido do ex-presidente Nelson Mandela. Ele assumiu a presidência após a renúncia de Jacob Zuma, também do ANC, em meio a escândalos de corrupção.<sup>12</sup>

## 2.2 ANGOLA

A República de Angola, nação detentora de um extenso território, encontra-se localizada na costa oeste da África. Sua capital é Luanda, uma grande cidade portuária e centro comercial. O nome Angola vem do termo banto *n'gola*, título dos reis do Reino do Ndongo no século XVI, e que significa "força". Ademais, a moeda nacional é o kwanza e o idioma oficial é o Português. Não obstante, parte significativa da sua população também é falante das línguas Bantu e as etnias predominantes são os Ovimbundu e os Mbundu.<sup>13</sup>

Rica em reservas de petróleo e diamantes, é uma das principais exportadoras de petróleo da África e uma das principais fontes de

---

<sup>11</sup> **Biografia de Nelson Mandela.** NELSON MANDELA FOUNDATION. Disponível em: <https://www.nelsonmandela.org/biography>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>12</sup> NGUTJINAZO, Okeri. **África do Sul: quem são os candidatos às presidenciais.** Jornal DW. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/%C3%A1frica-do-sul-quem-s%C3%A3o-os-candidatos-%C3%A0s-presidenciais/a-69204896>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>13</sup> THORNTON, John Kelly and Clarence-Smith, William Gervase. **Angola.** Encyclopedia Britannica, 13 de abril de 2023, <https://www.britannica.com/place/Angola>. Acesso em 22 maio de 2023.

diamantes do mundo. Geograficamente, possui uma mistura de desertos, montanhas, savanas e uma extensa linha costeira que abriga uma rica biodiversidade. No campo histórico, teve grandes reinos como o Kongo, Ndongo e Matamba, de onde destaca-se a figura da Rainha Nzinga, reconhecida por sua resistência ao domínio colonial.

O país tornou-se independente de Portugal em novembro de 1975, após uma longa luta de seu povo pela emancipação, que se deu desde de 1950. O Movimento Popular de Libertação da Angola (MPLA), liderado por Agostinho Neto, tomou o poder.<sup>14</sup> Em virtude disso, o país passou por uma devastadora guerra civil, que perdurou até 2002 e que teve mais dois protagonistas no papel de oposição: a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA).

Hodiernamente, a política angolana tem sido marcada por transformações desde que João Lourenço, do MPLA, assumiu a presidência, sucedendo a José Eduardo dos Santos, que governou o país por quase quatro décadas.<sup>15</sup> Lourenço iniciou seu mandato com várias reformas para combater a corrupção endêmica, como a destituição de várias figuras do antigo regime das suas posições-chave.

No tocante à temática do autoritarismo, João Lourenço lançou o "Plano de Reconciliação em Memória às Vítimas dos Conflitos Armados em Angola", em um esforço para promover os direitos humanos e esclarecer crimes políticos cometidos pelo Estado angolano. Ademais, na posição de Presidente Pro-Tempore da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (CDAA), passou a mediar a crise no leste do Congo-

---

<sup>14</sup> *Ibidem.*

<sup>15</sup> *Ibidem.*

Quinxassa, a pedido da União Africana. No entanto, ainda há muitos desafios a enfrentar, e a questão do autoritarismo continua sendo uma realidade palpável no país.<sup>16</sup>

## 2.3 BOTSWANA

Botswana, oficialmente conhecida como República do Botswana, é um país localizado no sul da África. Possui uma extensão territorial de aproximadamente 581.730 quilômetros quadrados. De acordo com estimativas recentes, a população do Botswana é de cerca de 2,4 milhões de habitantes.<sup>17</sup>

Trata-se de uma república parlamentarista e uma das democracias mais estáveis do continente africano. A capital e maior cidade é Gaborone, situada no sudeste do país.<sup>18</sup> A estabilidade política e governamental do Botswana se reflete em seu sistema de governo, se mantendo relativamente livre de golpes militares e regimes autoritários desde a sua independência do Reino Unido, em 1966.<sup>19</sup>

Culturalmente, Botswana é rica e diversificada. A cultura tradicional é profundamente influenciada pelas tradições e práticas dos grupos étnicos Tswana, que constituem a maioria da população. Outros grupos étnicos importantes incluem os Kalanga, Basarwa (ou San) e os

---

<sup>16</sup> DE SOUSA, Ana Carolina. **O Movimento Popular Pela Libertação de Angola (MPLA): de elite revolucionária a elite dirigente**, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166160>. Acesso em 30 de maio de 2024.

<sup>17</sup> **The World Factbook - South Africa**. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/south-africa/#people-and-society>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>18</sup> PARSONS, Neil. **Botswana**. Enciclopédia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Botswana>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

Ndebele. Sua cultura é muito celebrada e desempenha um papel vital no Botswana.<sup>20</sup> Em termos de religião, o país é predominantemente cristão, com a maioria da população seguindo denominações protestantes. No entanto, há também práticas religiosas indígenas e minorias muçulmanas, hindus e baha'is.<sup>21</sup>

O país é membro de organizações internacionais importantes, incluindo a União Africana (UA)<sup>22</sup>, a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)<sup>23</sup>, as Nações Unidas (ONU)<sup>24</sup> e a Comunidade das Nações (Commonwealth)<sup>25</sup>.

Historicamente, Botswana tem se destacado por evitar os regimes autoritários que marcaram a trajetória de muitos países africanos no período pós-colonial. Desde a independência, manteve uma trajetória de democracia multipartidária e estabilidade política. Esta estabilidade é atribuída a uma série de fatores, incluindo uma liderança política que enfatizou a boa governança e a transparência, bem como a riqueza mineral do país, especialmente diamantes, que ajudou a financiar o desenvolvimento e a manter a paz social.<sup>26</sup>

---

<sup>20</sup> PARSONS, Neil. **Botswana: Government and society**. Enciclopédia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Botswana/Government-and-society>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>21</sup> PARSONS, Neil. **Botswana: Religion**. Enciclopédia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Botswana/Religion>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>22</sup> **Member State Profiles**. African Union. Disponível em: [https://au.int/fr/etats\\_membres/profiles](https://au.int/fr/etats_membres/profiles). Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>23</sup> **Member States**. Southern African Development Community. Disponível em: <https://www.sadc.int/pt-pt/member-states>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>24</sup> **Member States**. Nações Unidas. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/member-states>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>25</sup> **Commonwealth Member States**. The Commonwealth. Disponível em: <https://thecommonwealth.org/>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>26</sup> **Botswana: Freedom in the World 2023 Country Report**. Freedom House. Disponível em: <https://freedomhouse.org/country/botswana/freedom-world/2023>. Acesso em: 29 maio 2024.

No cenário decolonial, o país é visto como um exemplo de sucesso na transição pacífica do colonialismo para a independência. A sua história de estabilidade política e crescimento econômico serve como um modelo para outras nações africanas que ainda lutam com os legados do colonialismo e regimes autoritários. A abordagem de Botswana para governança e desenvolvimento é frequentemente elogiada por sua capacidade de evitar muitos dos problemas que afetaram seus vizinhos e por sua adesão aos princípios de democracia e direitos humanos.<sup>27</sup>

## 2.4 MOÇAMBIQUE

A República de Moçambique é um país localizado na costa sudeste da África. Faz fronteira com a Tanzânia ao norte, Malawi e Zâmbia a noroeste, Zimbabwe a oeste, Suazilândia e África do Sul a sudoeste, enquanto o Oceano Índico fica a leste. A capital e maior cidade é Maputo. Com uma área de aproximadamente 799.380 quilômetros quadrados, Moçambique possui uma população estimada em cerca de 30 milhões de habitantes.<sup>28</sup> As línguas oficiais incluem o português, refletindo o passado colonial, e várias línguas indígenas são amplamente faladas, como o *macua*, o *tsonga* e o *shona*. A moeda oficial é o Metical de Moçambique.<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> *Ibidem*.

<sup>28</sup> **World Factbook Glyph**. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/mozambique/summaries>. Acesso em: 27 maio. 2024.

<sup>29</sup> SHELDON, K. E.; PENVENNE, J. M. **Mozambique**, 26 maio 2024. (Nota técnica).

A colonização de Moçambique começou no final do século XV, quando os exploradores portugueses chegaram à costa leste da África. Em 1498, Vasco da Gama desembarcou em Moçambique, marcando o início da influência portuguesa na região. Nos séculos seguintes, Portugal estabeleceu várias feitorias e fortalezas ao longo da costa, controlando o comércio de ouro, marfim e escravizados. A administração colonial portuguesa formalizou seu controle no final do século XIX, após a Conferência de Berlim (1884-1885), que estabeleceu a partilha da África entre as potências europeias.<sup>30</sup>

Durante o período colonial, a economia de Moçambique foi estruturada para beneficiar os interesses portugueses, com a introdução de grandes plantações de açúcar, sisal, chá e algodão, além da exploração de recursos minerais. O trabalho forçado era amplamente utilizado, e a população local sofreu com a expropriação de terras e a imposição de tributos. A infraestrutura foi desenvolvida principalmente para facilitar a exportação de produtos agrícolas e minerais, beneficiando a metrópole colonial.<sup>31</sup>

A resistência ao domínio colonial português começou a ganhar força na década de 1960, culminando na formação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) em 1962. A luta armada pela independência iniciou-se em 1964, caracterizada por uma guerra de guerrilha que durou uma década. A independência foi finalmente alcançada em 25 de junho de 1975, após a Revolução dos Cravos em Portugal, que derrubou o regime salazarista e abriu caminho para a descolonização das colônias africanas.<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> *Ibidem.*

<sup>31</sup> SHELDON, K. E.; PENVENNE, J. M. **Mozambique**, 26 maio 2024. (Nota técnica).

<sup>32</sup> *Ibidem.*



Após a independência, Moçambique enfrentou desafios significativos, incluindo uma guerra civil devastadora entre a FRELIMO, no poder, e a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que durou de 1977 a 1992. O conflito resultou em uma grande perda de vidas e deslocamento de populações, além de destruir grande parte da infraestrutura do país. A paz foi finalmente alcançada com o Acordo Geral de Paz de 1992, seguido de eleições multipartidárias em 1994.<sup>33</sup>

A política atual de Moçambique é caracterizada por um cenário de tensão e desafios econômicos. O país continua sob a liderança da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), com Filipe Nyusi como presidente desde 2015. Apesar dos esforços para promover a paz e a estabilidade, incluindo acordos com a oposição principal, a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), Moçambique enfrenta insurgências no norte, particularmente na província de Cabo Delgado, que tem sido palco de conflitos violentos e uma crise humanitária significativa. Além disso, o governo lida com questões de corrupção e recuperação econômica, especialmente após o impacto dos ciclones devastadores e da pandemia de COVID-19. Essas circunstâncias complexas moldam a dinâmica política e social do país, exigindo soluções abrangentes para garantir desenvolvimento sustentável e estabilidade a longo prazo.<sup>34</sup>

## 2.5 NAMÍBIA

---

<sup>33</sup> *Ibidem.*

<sup>34</sup> *Ibidem.*

A Namíbia é um país localizado no sudoeste da África, conhecido por sua paisagem deslumbrante, que inclui o deserto do Namibe, as dunas de areia vermelha de Sossusvlei e o Parque Nacional Etosha, lar de uma grande variedade de vida selvagem, incluindo elefantes, leões e rinocerontes. Sua capital é Windhoek, e é um destino popular para turismo de aventura, safáris e observação de estrelas.<sup>35</sup>

O coração da Namíbia é seu deserto espetacular, onde as dunas ondulantes de areia vermelha se estendem até onde a vista alcança. Em lugares como Sossusvlei, os visitantes podem testemunhar as dunas mais altas do mundo, algumas chegando a mais de 300 metros de altura. Ao amanhecer e ao entardecer, o deserto se transforma em um espetáculo de cores, com tons de laranja e rosa iluminando o céu e a paisagem.<sup>36</sup>

A história da colonização na Namíbia é uma narrativa complexa de exploração, ocupação e resistência. Antes da chegada dos europeus, a região era habitada por uma variedade de grupos étnicos, incluindo os povos San, Nama e Herero. No entanto, o século XIX testemunhou a invasão e subsequente colonização por parte das potências europeias, principalmente a Alemanha.<sup>37</sup>

No final do século XIX, a Namíbia, então conhecida como Sudoeste Africano Alemão, foi reivindicada pela Alemanha durante a Conferência de Berlim de 1884-1885. Os alemães estabeleceram

---

<sup>35</sup> **HISTORY of Namibia.** Encyclopaedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/summary/Namibia>. Acesso em: 01 jun. 2024.

<sup>36</sup> **BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia.** Namíbia summary. Encyclopaedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/summary/Namibia>. Acesso em: 01 jun. 2024.

<sup>37</sup> **BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia.** Namibia - Independence, Colonization, Apartheid. Encyclopaedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/summary/Namibia>. Acesso em: 01 jun. 2024.

colônias ao longo da costa e no interior, buscando recursos naturais e terras para a agricultura. No entanto, sua política de ocupação trouxe consigo brutalidade e opressão contra os povos indígenas.<sup>38</sup>

Após a Primeira Guerra Mundial, a Sociedade das Nações concedeu o mandato da Namíbia à África do Sul, que continuou a política de segregação racial e discriminação institucionalizada conhecida como apartheid. Durante esse período, os povos indígenas enfrentaram restrições severas em seus direitos políticos, econômicos e sociais.<sup>39</sup>

A luta pela independência ganhou força na década de 1960, liderada principalmente pela Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO). Após décadas de resistência e pressão internacional, a Namíbia finalmente conquistou sua independência da África do Sul em 1990. Desde então, o país tem trabalhado para superar as divisões do passado colonial e construir uma sociedade mais inclusiva e igualitária.<sup>40</sup>

Hoje, a Namíbia continua a enfrentar desafios relacionados à herança da colonização, incluindo a luta pela reforma agrária, a reconciliação entre grupos étnicos e a promoção da justiça social. No entanto, também celebra sua rica diversidade cultural e busca garantir que as vozes e perspectivas dos povos indígenas sejam reconhecidas e respeitadas na construção do futuro do país.

---

<sup>38</sup> *Ibidem.*

<sup>39</sup> UNITED NATIONS. The UN's role in Namibian independence. Disponível em: <https://namibia.un.org/en/175388-celebrating-namibias-independence>. Acesso em: 1 jun. 2024.

<sup>40</sup> *Ibidem.*

## 3 ÁFRICA CENTRAL

### 3.1 REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA

A República Centro-Africana é uma nação localizada bem no coração do continente africano, tendo uma população de pouco mais de 6 milhões de habitantes<sup>41</sup> e possuindo uma vasta área territorial aproximada de 620 mil km<sup>2</sup>. Este país faz fronteira com outras seis nações, sendo elas o Chade, Sudão e Sudão do Sul, República Democrática do Congo, República do Congo, e Camarões. Sua capital é Bangui possuindo uma população próxima a 1 milhão de habitantes, sendo essa fazendo fronteira com a República Democrática do Congo.

Este país é considerado com um dos piores índices de PIB e IDH do mundo. Sendo por muitas vezes, também, visto com as piores crises humanitárias do mundo<sup>42</sup> além da pobreza extrema. A República Centro-Africana teve sua independência da França apenas no ano de 1960<sup>43</sup> e desde então vem passando por diversas instabilidades políticas, além da falta de abertura midiática.

Por se tratar de um país com pouca influência no cenário global, diversas representações internacionais se dão a partir de Brazzaville

---

<sup>41</sup> **RÉPUBLIQUE CENTRAFRICAINE.** Central African Republic. [s. l.], 2024. Disponível em: <https://www.afdb.org/fr/countries/central-africa/central-african-republic>. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>42</sup> **REPÚBLICA Centro-Africana.** [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/republica-centro-africana/>. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>43</sup> DACKO, David. **LA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA: a la hora de la independencia.** LA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA. 2001. Disponível em: <https://obtienearchivo.bcn.cl/obtienearchivo?id=documentos/10221.1/64762/1/212699.pdf>. Acesso em: 22 maio 2024.

(capital da República do Congo)<sup>44</sup> ou de Kinshasa<sup>45</sup> (capital da República Democrática do Congo), a influência de Brazzaville se dá pelo fato dela ter sido capital da antiga colônia equatorial francesa, de onde originou-se quatro países - República do Congo, Gabão, Chade e República Centro-Africana.

Por se tratar de uma nação com pouca estrutura econômica e social, a RCA busca através de países aliados perspectivas para uma mudança significativa. A crise mundial de pandemia do COVID-19 afetou gravemente a economia local, fazendo com que sua retomada esteja sendo de forma extremamente lenta a níveis de menos de 0,5% ao ano. Por esse fator de não haver uma economia robusta, a República Centro-Africana depende de uma grande parcela de suas importações de países europeus e asiáticos, principalmente de produtos oriundos da potência que colonizou aquela região, a França.

Levando em consideração o atual cenário de crescimento econômico de países emergentes fora do eixo global pecunioso (Europa e América do Norte), nações como China e Rússia vem sendo extremamente presentes nesse país. A China, por exemplo, vem assinando uma série de acordos com o governo local com o intuito de desenvolvimento estratégico e envio de equipamentos para indústrias. Contudo, a Rússia vem sendo mais presente no território Centro-

---

<sup>44</sup> **Repatrições Consulares na República Centro-Africana.** Governo do Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/porta-consular/reparticoes-consulares-do-brasil/regiao/rep-centro-africana/republica-centro-africana>. Acesso em: 22 maio 2024.

<sup>45</sup> **REPÚBLICA Centro-Africana.** [S. l.], 2020. Disponível em: <https://portaldascomunidades.mne.gov.pt/pt/rede-consular/africa/republica-centro-africana#:~:text=N%C3%A3o%20existe%20representa%C3%A7%C3%A3o%20diplom%C3%A1tica%20portuguesa,Disp%C3%B5e%20de%20Consulado%20Honor%C3%A1rio>. Acesso em: 22 maio 2024.

Africano desde meados de 2022, momento em que culminou no início da guerra russo-ucraniana. Organizações militares são comumente bastante presentes na RCA, principalmente quando se fala no Grupo Wagner.<sup>46</sup>

## 3.2 REPÚBLICA DO CONGO

Situada no coração da África Central, a República do Congo, muitas vezes chamada de Congo-Brazzaville para distingui-la de seu vizinho, a República Democrática do Congo, é um país de contrastes e riqueza cultural. Com uma combinação única de selvas tropicais exuberantes, rios sinuosos e uma vida urbana pulsante, o Congo oferece uma experiência verdadeiramente africana para os visitantes.<sup>47</sup>

A República do Congo é o lar de uma rica diversidade étnica, com mais de 60 grupos diferentes, cada um com sua própria língua, tradições e costumes. A cidade capital, Brazzaville, é um centro vibrante de cultura, onde mercados animados, restaurantes e bares se misturam com galerias de arte e teatros. A música desempenha um papel central na vida cotidiana, com o estilo de música congolês conhecido como "soukous" sendo especialmente popular em toda a África.<sup>48</sup>

A história da colonização na República do Congo é uma narrativa complexa de exploração, exploração de recursos naturais e resistência dos povos indígenas. A região que hoje compreende a República do

---

<sup>46</sup> **WAGNER GROUP.** In: GLOBAL SECURITY. 2023. Disponível em: <https://www.globalsecurity.org/military/world/russia/wagner.htm>. Acesso em: 16 jun. 2024.

<sup>47</sup> **REPÚBLICA DO CONGO.** In: ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. 15. ed. São Paulo: Enciclopedia Britannica do Brasil, 2022. v. 7, p. 505-512.

<sup>48</sup> *Ibidem.*

Congo foi inicialmente explorada pelos europeus durante a era das grandes navegações, com os portugueses sendo os primeiros a chegarem à área no século XV. No entanto, foi durante o auge do imperialismo europeu nos séculos XIX e XX que a colonização efetiva começou.<sup>49</sup>

A República do Congo foi colonizada pela França no final do século XIX, quando se tornou uma parte do vasto império colonial francês na África. Os franceses estabeleceram postos comerciais e fortificações ao longo da costa e no interior, visando principalmente a exploração de recursos naturais, como borracha, marfim e madeira.<sup>50</sup>

A colonização francesa foi marcada pela resistência e luta dos povos indígenas contra a opressão colonial. Movimentos de resistência, como o Partido dos Trabalhadores Africanos (PCT), lideraram campanhas pela independência e autodeterminação. Finalmente, em 1960, o Congo conquistou sua independência da França, tornando-se a República do Congo.<sup>51</sup>

O período colonial deixou um legado duradouro na República do Congo, moldando sua economia, política e sociedade. O país enfrentou desafios significativos na construção de instituições democráticas e na promoção do desenvolvimento econômico após a independência. Além

---

<sup>49</sup> SILVA, Maria A. da. O processo de independência na República do Congo. *Revista de Estudos Africanos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 89-110, 2019.

<sup>50</sup> LIMA, Rodrigo T. O caminho para a independência: a República do Congo. In: SANTOS, Ana P. (Org.). *Movimentos de Independência na África*. Salvador: Editora Afro-Brasileira, 2018. p. 155-175.

<sup>51</sup> **Independência da República do Congo**. Enciclopedia Britannica, 15. ed. São Paulo/ Brasil, 2022. v. 8, p. 412-415.

disso, o impacto da colonização na identidade cultural e nas relações étnicas do país ainda é sentido até hoje.<sup>52</sup>

Em resumo, a colonização na República do Congo deixou uma marca indelével na história do país, moldando seu destino e influenciando seu desenvolvimento. Enquanto o Congo avança em direção ao futuro, é importante reconhecer e entender o legado da colonização e suas implicações para a sociedade congolense contemporânea.

### 3.3 REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO (RDC)

A República Democrática do Congo, segundo maior país da África em extensão, está situada na região central do continente e possui uma população aproximada de 115.403.000 habitantes. Sua capital, Kinshasa, é a maior cidade da África Central e serve como centro administrativo, econômico e cultural. O país é comumente chamado de RDC ou Congo (Kinshasa) para distinguir-se de seu vizinho, o Congo (Brazzaville). Além deste, o RDC faz fronteira com a República Centro-Africana, Sudão do Sul, Uganda, Ruanda, Burundi, Tanzânia, Zâmbia, Angola e Cabinda.<sup>53</sup>

A história da RDC foi marcada por Leopoldo II, rei da Bélgica. Durante a Conferência de Berlim, em 1885 o Estado que até então era

---

<sup>52</sup> **Relatório sobre a independência da República do Congo.** ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Disponível em:

<https://www.onu.org/relatorio/independencia-congo>. Acesso em: 01 jun. 2024.

<sup>53</sup> WIESE, Bernd Michael; LEMARCHAND, René; CORDELL, Dennis D. e PAYANZO, Ntsomo. **República Democrática do Congo.** Enciclopédia Britânica, 28 de maio. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Democratic-Republic-of-the-Congo>. Acesso em: 1 de junho de 2024.



livre, foi reconhecido como propriedade privada do rei. Foi durante este período que o país sofreu um dos episódios mais brutais da história colonial.<sup>54</sup> A população local foi subjugada e forçada a trabalhar na coleta de borracha e marfim, muitas vezes sob condições desumanas. A brutalidade e a exploração desmedida resultaram em uma queda drástica na população do Congo, com milhões de mortes estimadas. Segundo dito pelo próprio Leopoldo II:

“Ao lidar com uma raça composta de canibais por milhares de anos, é necessário usar métodos que melhor sacudam sua ociosidade e os façam perceber a santidade do trabalho” .<sup>55</sup>

A independência do Congo se deu apenas anos depois, em 1960 e foi marcada por tumultos e violência.<sup>56</sup> A transição para a independência foi mal administrada e a falta de infraestrutura e preparação deixada pelo regime colonial belga contribuiu para a instabilidade. Mesmo após esse processo, a Bélgica continuou a exercer uma forte influência no país, sobretudo, através do controle dos recursos minerais, que continuam a ser um desafio significativo para o país.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> RUTZ, Michael A. **O Congo do Rei Leopold e a Corrida pela África: uma breve história através dos documentos**.Indianapolis: Hackett Publishing Company Inc. 2018.

<sup>55</sup> *Ibidem*.

<sup>56</sup> **Congo-Kinshasa**, 1960. Memorial da Democracia. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/africa/cd>. Acesso em: 10 de jun de 2024.

<sup>57</sup> MUNANGA, Kabengele. **A república democrática do Congo–RDC**. Casa das Áfricas: São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12917482/a-republica-democraticado-congo-rdc-casa-das-africanas>. Acesso em: 29 mai. 2024

Com o objetivo de se desassociar do neocolonialismo imposto ao país, o general Mobutu Sese Seko<sup>58</sup>, governante da época, rebatizou oficialmente o país como República do Zaire entre 1971 e 1997, numa tentativa de conceder ao país uma identidade mais autenticamente africana. Durante o seu governo, ocorreu uma forte onda migratória de Ruanda após o genocídio, a qual foi marcada pela falta de políticas eficazes de controle migratório. A indiferença do governo de Mobutu em relação aos refugiados, juntamente com os ataques que estes sofriam, gerou insatisfação popular e foram fatores decisivos para o início da Primeira Guerra Civil do Congo.<sup>59</sup>

Sob a liderança de Laurent-Desiré Kabila<sup>60</sup> e com o apoio de países vizinhos, bem como a Aliança das Forças Democráticas pela Libertação do Congo-Zaire (AFDL) tornou-se uma potência contra o governo Mobutu. Esta aliança rebelde rapidamente avançou, tornando Kabila o novo presidente. Onde o mesmo teve um grande impacto na RDC e na região dos Grandes Lagos africanos. Kabila procurou consolidar seu poder e autonomia, levando à retirada das forças estrangeiras que o apoiaram. Isso incitou o desvio de apoio de Ruanda e Uganda para grupos rebeldes como a União Congoleza pela Democracia (RCD) e o Movimento pela Libertação do Congo (MLC). Um cenário que precipitou a Segunda Guerra do Congo.<sup>61</sup>

---

<sup>58</sup> **Mobutu's Regime**. Enciclopédia Britânica, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Democratic-Republic-of-the-Congo/Mobutus-regime> . Acesso em: 29 mai. 2024.

<sup>59</sup> *Ibidem*.

<sup>60</sup> **Laurent Kabila**. Enciclopédia Britânica , 25 de abril de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Laurent-Kabila>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

<sup>61</sup> *Ibidem*.

A Primeira e a Segunda Guerra Civil do Congo tiveram consequências devastadoras, das quais observamos até hoje. Com seu fim em 2003, as guerras resultaram em milhares de mortes e deslocamentos massivos de pessoas. A violência e a instabilidade também prejudicaram seriamente a economia da RDC, já frágil, exacerbando a pobreza e a insegurança alimentar. Adicionalmente, as infraestruturas do país foram severamente danificadas, incluindo escolas, hospitais e estradas, o que dificultou os esforços de recuperação. Bem como, tiveram um efeito desestabilizador, contribuindo para tensões e conflitos em países vizinhos, além da presença de grupos rebeldes e a luta por recursos naturais levaram a incursões e conflitos transfronteiriços, especialmente com Ruanda e Uganda.<sup>62</sup>

### 3.4 RUANDA

Localizada no coração da África, abaixo do Equador, Ruanda conta com uma nação de aproximadamente 13.833.000 habitantes. O país não possui litoral e compartilha fronteiras com Uganda, Tanzânia, Burundi, a República Democrática do Congo e o Lago Kivu. O país, entretanto, é conhecido também como “a terra das mil colinas” devido a sua paisagem espetacular. Como um poema visual, as inúmeras colinas que se estendem ao longo de todo território ruandês contam a história desta terra.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> *Ibidem.*

<sup>63</sup> LEMARCHAND, René e CLAY, Daniel. **Ruanda**. Enciclopédia Britânica, 1º de junho de 2024, <https://www.britannica.com/place/Rwanda>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

No âmago da República de Ruanda, estrategicamente situada, está Kigali, a capital de Ruanda. À beira do rio Ruganwa, um dos muitos cursos de água que adornam a nação, Kigali se destaca como uma cidade em constante crescimento e desenvolvimento. A cidade é um centro vital de atividade e progresso, desempenhando um papel fundamental na economia e na política de Ruanda, marcando sua importância no cenário africano.<sup>64</sup>

Um ponto crucial é a complexidade étnica de Ruanda, um país que se destaca dos demais por suas fronteiras terem sido estabelecidas pelo próprio Estado-nação, e não pelas potências europeias. Sua população concentra-se majoritariamente nos grupos Hutu<sup>65</sup> e Tutsi,<sup>66</sup> juntamente com os Twa e um pequeno número de europeus. As diferenças sociais entre os grupos foram acentuadas pelo sistema buhake e o neocolonialismo, pois permitiu aos Tutsis ascensão socioeconômica e política, fator que culminou em dois eventos significativos na história do país: a Revolução Hutu de 1959 e o subsequente genocídio de 1994.<sup>67</sup>

A Conferência de Berlim,<sup>68</sup> realizada após a Primeira Guerra Mundial, resultou na divisão da África entre as potências europeias, onde a Alemanha e posteriormente a Bélgica, governaram Ruanda.

---

<sup>64</sup> *Ibidem*.

<sup>65</sup> **Hutu**. Enciclopédia Britânica, 7 de março de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Hutu>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

<sup>66</sup> **Tutsi**. Enciclopédia Britânica, 17 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Tutsi>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

<sup>68</sup> PESSANHA, Clarice C. Franco; FILHO, José Carlos de Azevedo; LOBO, Anastácia. **A CONFERÊNCIA DE BERLIM**. XII SEMANA DE EXTENSÃO XVI JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA 2014, REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS-CAMPUS NITERÓI, ed. Nº10, 26 ago. 2008. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=2552>. Acesso em: 28 mai. 2024.

Durante esse tempo, os Tutsis formaram alianças com os colonizadores e obtiveram vantagens significativas. Apoiando-se na teoria do darwinismo social,<sup>69</sup> os europeus elevaram os Tutsis acima dos Hutus, alegando superioridade. Essa postura exacerbou a divisão étnica existente, chegando ao ponto de se registrar a etnia nos documentos de identidade.<sup>70</sup>

Impulsionados por preceitos de igualdade do cristianismo, bem como a influência do clero europeu na ascensão de líderes Hutus, estes se uniram ao movimento independentista durante a descolonização, visando um governo liderado pela sua etnia, dando início a Revolução Ruandesa, que começou em 1959 e conduziu o país a sua independência, derrubando o monarca Kigeri e trazendo um novo governo Hutu através de Grégoire Kayibanda. Este período foi marcado por violência contra os Tutsis, forçando muitos a buscar refúgio em países vizinhos como Uganda.<sup>71</sup>

A transição de poder não se deu de maneira pacífica. A violência tornou-se constante, com massacres de Tutsis ocorrendo de 1963 a

---

<sup>69</sup> DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; CLICK, Thomas (Orgs.). **A recepção do darwinismo no Brasil**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003 (História e saúde collection). Disponível em: <http://books.scielo.org/id/txcs6/pdf/domingues9788575414965.pdf> . Acesso em: 14 mai 2024. p. 13.

<sup>70</sup> UZOIGWE, Godfrey. Partilha europeia e a conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, Adu (coord.). História Geral da África. v. VII. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

<sup>71</sup> FONSECA, Danilo Ferreira da. **Revolução e descolonização em Ruanda: entre projetos étnicos e projetos de classe. Anos 90**, Rio Grande do Sul, Brasil, v. 26, n. 2019010, 20 abr. 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5740/574069672014/html/#:~:text=A%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20de%201959%20foi,conhecido%20como%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Hutu..> Acesso em: 25 maio 2023

1973, quando Juvénal Habyarimana<sup>72</sup> chegou ao poder através de um golpe de estado, instaurando um governo caracterizado pela corrupção e autoritarismo. A tensão étnica continuou e atingiu seu ápice com a invasão da Frente Patriótica Ruandesa (FPR)<sup>73</sup> em Uganda. Em 1993 foi firmado um acordo entre FPR e o governo.<sup>74</sup> Entretanto, extremistas, contrários a este acordo, passaram a propagar sua agenda anti-Tutsi, o que acabou por incitar o subsequente Genocídio de 1994.<sup>75</sup>

Iniciado após o acidente aéreo que vitimou o presidente Habyarimana, o Genocídio de Ruanda foi uma matança sistemática de tutsis e hutus moderados, liderada por radicais hutus que os culpavam pela morte do presidente. Contou com a participação de aproximadamente 200.000 Hutus, e estima-se que vitimou de 800.000 a 2 milhões de ruandeses, com duração de 100 dias. Chegou ao fim com a formação de um governo de transição de unidade nacional. Pasteur Bizimungu, um Hutu, assumiu o cargo de presidente, enquanto o líder da RPF, Paul Kagame<sup>76</sup>, um Tutsi, foi nomeado vice-presidente.<sup>77</sup>

As atrocidades cometidas deixaram profundas cicatrizes psicológicas, econômicas e instabilidade política na população sobrevivente e resultou em uma grave crise de refugiados, com muitos

---

<sup>72</sup> **Juvénal Habyarimana**. Enciclopédia Britânica , 8 de fevereiro de 2024, <https://www.britannica.com/biography/Juvenal-Habyarimana>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

<sup>73</sup> MCKENNA, Amy. **Frente Patriótica Ruandesa** . Enciclopédia Britânica , 28 de abril de 2023, <https://www.britannica.com/topic/Rwandan-Patriotic-Front>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

<sup>74</sup> *Ibidem*.

<sup>75</sup> **Genocídio de Ruanda em 1994** . Enciclopédia Britânica , 24 de janeiro de 2024, <https://www.britannica.com/event/Rwanda-genocide-of-1994>. Acesso em: 14 de março de 2024.

<sup>76</sup> **Paul Kagame**. Enciclopédia Britânica , 12 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Paul-Kagame>. Acesso em: 1 de jun de 2024.

<sup>77</sup> *Ibidem*.

ruandeses fugindo para países vizinhos para escapar da violência. Ao passo que também impulsionou uma série de processos de justiça e reconciliação. Tribunais de genocídio como o Tribunal Penal Internacional para Ruanda (TPIR)<sup>78</sup>, foram estabelecidos em nível nacional e internacional, para levar os responsáveis à justiça. Outrossim, Ruanda teve um impacto significativo na comunidade internacional, levando a uma reflexão sobre a prevenção de atrocidades em massa e à implementação da responsabilidade de proteger as políticas internacionais.<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup> Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. “**Ruanda: A Primeira Condenação por Genocídio.**” Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/rwanda-the-first-conviction-for-genocide>. Acesso em: 13 de jun de 2024.

<sup>79</sup> *Ibidem.*

## 4 ÁFRICA OCIDENTAL

### 4.1 BURKINA FASO

A República de Burkina Faso é situada na África Ocidental, seu território ocupa um terreno de planalto, sem saída para o mar, limitado pelo Mali a oeste, Níger a leste, e Costa do Marfim, Gana, Togo e Benin ao sul. A sua capital é a cidade de Ouagadougou. O seu idioma oficial é o francês, no entanto, existem diversas outras línguas faladas, incluindo o Mossi, o Fula e o Dyula. Tal variedade reflete o fato de que o país possui uma rica mistura de diversas culturas, com mais de 60 diferentes grupos étnicos. Ainda, a nação é conhecida pelo seu festival de cinema, o FESPACO, o maior festival de cinema africano.<sup>80</sup>

Ocupada por diferentes povos desde a antiguidade, a região que hoje conhecemos como Burkina Faso foi parte de vários impérios e reinos, como o Império de Gana e o Império Mossi. No final do século XIX, a área foi colonizada pela França e incorporada à África Ocidental Francesa. Durante este período, o país foi chamado de Alto Volta. A independência foi alcançada em 1960, seguindo o padrão de descolonização em muitas partes da África.<sup>81</sup>

Em 1984, Thomas Sankara mudou o nome do país para Burkina Faso, que significa "terra dos homens íntegros". Famoso por sua política progressista e pan-africanista, Sankara implementou uma série de reformas inovadoras para modernizar o país. Entre suas iniciativas,

---

<sup>80</sup> ECHENBERG, Myron et al. **Burkina Faso**. Enciclopédia Britannica, 31 mai. 2024, <https://www.britannica.com/place/Burkina-Faso>. Acesso em 31 de maio 2024.

<sup>81</sup> *Ibidem*.



destacam-se a promoção da educação e saúde pública, a redistribuição de terras para agricultores, e a luta contra a corrupção e os privilégios da elite. Além disso, Sankara também colocou um grande foco na autossuficiência, incentivando a produção local e a rejeição de ajuda externa.<sup>82</sup>

Seu mandato foi interrompido por um golpe de estado em 1987, no qual ele foi assassinado. De tal forma, a história de Burkina Faso desde a independência tem sido marcada por vários golpes de estado e instabilidade política, com os líderes autoritários frequentemente assumindo o poder. Em 2022, o governo de Roch Kaboré foi deposto pela junta de Paul-Henri Damiba, que foi posteriormente substituído por Traoré. Embora tenha acordado uma transição de 24 meses com a CEDEAO, Traoré parece querer permanecer no poder indefinidamente. Esta sequência de golpes prejudicou o processo democrático do Burkina Faso, iniciado com a eleição de Kaboré em 2015 após o fim do regime de 27 anos de Compaoré.<sup>83</sup>

## 4.2 CAMARÕES

Com uma população estimada de 27.334.000 milhões de habitantes, Camarões está situado na junção da África Ocidental e Central e possui como capital Yaoundé, localizada no centro-sul do país. Seu território conta com uma população composta por mais de 200

---

<sup>82</sup> RAY, Carina. **Thomas Sankara**. Enciclopédia Britannica, 7 mai. 2024, <https://www.britannica.com/biography/Thomas-Sankara>. Acesso em 1 de junho de 2024.

<sup>83</sup> Centro de Estudos Estratégicos de África. **Burkina Faso: Julho**. 19 de março de 2019. Disponível em: <https://africacenter.org/pt-pt/spotlight/elections-2024/burkinafaso/>. Acesso em 19 de maio de 2024.

grupos etnicamente diversos e de diferentes religiões, sendo dois quintos da população católicos romanos, um quarto protestantes, um quinto muçulmanos sunitas e o restante adeptos com as religiões tradicionalmente africanas.<sup>84</sup>

No passado, o fim da Primeira Guerra Mundial levou ao declínio do domínio colonial violento realizado pelos Alemães no território de Camarões, abrindo espaço para a exploração da Inglaterra e da França, fator este que expôs a colônia a regimes políticos, sociais e administrativos subalternos.<sup>85</sup> Após a independência, Camarões prosperou com foco inicial em educação, diversificação agrícola e industrialização. No entanto, a corrupção existente, a má administração e a queda das principais commodities comercializadas causaram uma recessão econômica e forte crise, a qual possui raízes originadas desde a época dos regimes coloniais instaurados no país.<sup>86</sup>

O primeiro presidente da nação, o líder da União Nacional dos Camarões (UNC) Alhaji Ahmadou Ahidjo, apoiado pela França, atuou de 1960 a 1982 utilizando de um modalidade de governo altamente autoritária e centralizada, caracterizado por repressão e cooptação, banindo seus opositores e colocando seus próprios interesses frente aos demais. Esse recorte histórico abarca o início da ascensão de métodos ditatoriais de administração estatal após a independência da nação.<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> DeLancey, Mark W. e Benneh, George. **Camarões**. Enciclopédia Britânica , 15 de maio. 2024, <https://www.britannica.com/place/Cameroon>. Acesso em 17 de maio de 2024.

<sup>85</sup> NANA, Genevoix (2016), **Language ideology and the colonial legacy in Cameroon schools: A historical perspective**. Journal of Education and Training, n.º 4, v. 4, pp. 168-196.

<sup>86</sup> Ibidem.

<sup>87</sup> DE OLIVEIRA, Guilherme Ziebell; CARDOSO, Nilton César Fernandes. **A inação das Comunidades Econômicas Regionais no contexto da crise nos Camarões: Um retorno ao passado?**. Africana Studia, n. 33, 2021.

Na atualidade, o país é governado pelo seu segundo presidente, Paul Biya, a partir do modelo de república unitária multipartidária com duas casas legislativas. Entretanto, Camarões enfrenta tensões e conflitos pela disparidade representativa entre suas duas regiões: a anglófona – que compõe aproximadamente 20% da população – e a francófona. Dentre as medidas distantes de um ideal democrático de equidade estão a imposição do francês como língua oficial em escolas e a nomeação de juízes francófonos para regiões anglófonas, ocasionando o descontentamento geral em protestos pelos opositores que muitas vezes são reprimidos com violência pelas forças estatais de segurança.<sup>88</sup>

### 4.3 GÂMBIA

A Gâmbia, oficialmente conhecida como República da Gâmbia, é o menor país não insular da África. Apesar de sua pequena dimensão, é densamente povoada, com uma população estimada em cerca de 3.041.000 habitantes. O país situa-se na costa atlântica da África Ocidental e é quase completamente cercado pelo Senegal, exceto por sua costa oeste no Oceano Atlântico. A Gâmbia é caracterizada por uma longa e estreita faixa de terra que segue o curso do rio Gâmbia, de onde o país recebeu seu nome.<sup>89</sup>

A história da Gâmbia sob governança britânica remonta a 1821, quando o país foi administrado como parte da África Ocidental Britânica.

---

<sup>88</sup> DE OLIVEIRA; CARDOSO, 2021.

<sup>89</sup> FORDE, Enid R.A.; GAILEY, Harry A; and CLARK, Andrew. **Gâmbia**. Enciclopédia Britannica, 1 Jun. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/The-Gambia>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

Este arranjo persistiu até 1843 e foi retomado novamente em 1866, seguindo um intervalo em que a Gâmbia era uma colônia independente. Durante o final do século 19, o cultivo de amendoim no Senegal incentivou um novo imperialismo na região. Em 1880, a França já controlava o Senegal e, na década de 1870, a Grã-Bretanha tentou duas vezes negociar a Gâmbia com a França. No entanto, essas tentativas enfrentaram forte oposição tanto em casa quanto na Gâmbia.<sup>90</sup>

Em 1889, após uma conferência em Paris, a França cedeu o controle do rio Gâmbia à Grã-Bretanha. Em 1900, a Grã-Bretanha estabeleceu um domínio indireto sobre o interior da Gâmbia, dividindo-o em 35 chefias, cada uma liderada por seu próprio chefe. A Gâmbia desfrutou de paz após sua separação da Serra Leoa e a escravidão foi abolida em todo o protetorado em 1906.<sup>91</sup>

Os partidos políticos demoraram a surgir na Gâmbia, mas em 1960 vários partidos estavam exigindo a independência. A Grã-Bretanha, acreditando que a Gâmbia eventualmente se uniria ao Senegal, concedeu-lhe a independência dentro da Commonwealth em fevereiro de 1965. A Gâmbia tornou-se uma república em 24 de abril de 1970, tendo Sir Dawda Jawara,<sup>92</sup> líder do Partido Progressista do Povo (PPP), como seu primeiro presidente.<sup>93</sup>

Posteriormente, em 1994, Yahya Jammeh<sup>94</sup>, um jovem oficial militar, ascendeu ao poder, criticando os casos de corrupção

---

<sup>90</sup> *Ibidem.*

<sup>91</sup> *Ibidem.*

<sup>92</sup> **Senhor Dawda Kairaba Jawara.** Enciclopédia Britânica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Dawda-Kairaba-Jawara>. Acesso em 10 de jun de 2024.

<sup>93</sup> *Ibidem.*

<sup>94</sup> **Yahya Abdul Jammeh.** Enciclopédia Britannica, 2024. Disponível em:

generalizada e a má administração evidente sob o governo de seu antecessor, Jawara. Ele prometeu trazer uma nova era de transparência e responsabilidade para o país. No entanto, após o exílio forçado do ex-presidente, a situação no país não melhorou, na verdade, piorou alarmantemente. Jammeh, com o passar do tempo, tornou-se cada vez mais autoritário, ignorando os princípios de democracia e direitos humanos. A corrupção, infestou seu próprio governo, tornando-se um problema sistemático. Além disso, houve a ascensão da perseguição e censura contra a imprensa.<sup>95</sup>

Jammeh, confrontado com crescentes queixas de violações dos direitos humanos, retirou-se de alguns organismos internacionais, incluindo a Commonwealth em 2013 e o TPI em 2016. Em 2015, declarou a Gâmbia uma república islâmica, uma decisão cuja legalidade foi questionada. Embora Jammeh tenha justificado suas ações como uma tentativa de distanciar a Gâmbia de seu passado colonial, críticos argumentaram que ele estava desviando a atenção das violações dos direitos humanos e das condições econômicas precárias do país. Em um ponto positivo, Jammeh proibiu a mutilação genital feminina em 2015<sup>96</sup>, com uma lei de execução aprovada logo depois.<sup>97</sup>

Por fim, uma figura emblemática da política da Gâmbia, é Adama Barrow.<sup>98</sup> Em dezembro de 2016, ele foi eleito presidente da Gâmbia,

---

<https://www.britannica.com/biography/Yahya-Abdul-Jammeh>. Acesso em: 10 de jun de 2024

<sup>95</sup> *Ibidem*.

<sup>96</sup> BITTAYE-JOBEB, I. 2021. “**O Impacto da Violência do Estado sobre as Mulheres Durante os 22 Anos de Ditadura na Gâmbia.**” Tese de mestrado, City University of New York.

<sup>97</sup> *Ibidem*.

<sup>98</sup> **Adama Barrow**. Enciclopédia Britannica. Disponível em:

<https://www.britannica.com/biography/Adama-Barrow>. Acesso em 10 de jun de 2024

surpreendendo ao ganhar aproximadamente 46% dos votos. Inicialmente, Jammeh, seu oponente, concedeu a vitória. No entanto, após uma revisão dos resultados que alterou a margem de vitória, Jammeh rejeitou o resultado e pediu novas eleições. Essa atitude foi condenada pela comunidade internacional, que reconheceu Barrow como o vencedor legítimo. Como a posse de Barrow se aproximava, a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)<sup>99</sup> reuniu tropas na fronteira da Gâmbia.<sup>100</sup>

Jammeh, por sua vez, declarou estado de emergência e teve seu mandato estendido pela Assembleia Nacional. Em 19 de janeiro, com Jammeh se recusando a deixar o poder, Barrow foi empossado no vizinho Senegal. Após a intervenção das forças da CEDEAO, Jammeh concordou em renunciar, deixando o país. Barrow regressou à Gâmbia em 26 de janeiro de 2017, sendo calorosamente recebido pelos seus apoiadores. Uma vez no poder, Barrow voltou seu foco para a implementação das reformas democráticas prometidas e para a melhoria da economia do país. Para apoiar esses objetivos, foram aprovadas duas leis, criando a Comissão da Verdade, Reconciliação e Reparação (TRRC)<sup>101</sup> e a Comissão de Revisão Constitucional.<sup>102</sup>

---

<sup>99</sup> **Sobre a CEDEAO.** CEDEAO dos Povos: Paz e Prosperidade para Todos. Disponível em: <https://www.ecowas.int/about-ecowas/>. Acesso em: de jun de 2024.

<sup>100</sup> Afrobarômetro, 2023. **A maioria dos Gambianos afirma que o Governo demonstrou compromisso com a implementação das recomendações da Comissão da Verdade, Reconciliação e Reparações.** Disponível em: <https://www.afrobarometer.org/articles/majority-of-gambians-say-government-has-shown-commitment-to-implementing-recommendations-of-the-truth-reconciliation-and-reparations-commission/>. Acesso em 12 de jun de 2024

<sup>101</sup> SEKHU, Lesego. **Comissão de Verdade, Reconciliação e Reparações da Gâmbia (2017-2021).** Centro para o Estudo da Violência e Reconciliação. Disponível em: <https://atjhub.csvr.org.za/gambia-truth-reconciliation-and-reparations-commission-2017-2021/>. Acesso em: 10 de jun de 2024.

<sup>102</sup> *Ibidem.*

## 4.4 GANA

Gana está localizado na costa do Golfo da Guiné, na região da África Ocidental, tendo Burkina Faso ao noroeste e norte, Togo ao leste, o Oceano Atlântico ao sul e a Costa do Marfim ao oeste como seus vizinhos. É uma nação relativamente modesta em termos de população e dimensão, com um total de 32.823.000 habitantes, entretanto, se destaca como um dos países mais significativos da África. Isso se deve tanto à sua ampla riqueza natural quanto ao fato de ter sido o primeiro país africano ao sul do Saara a conquistar a independência do domínio colonial.<sup>103</sup>

O país recebeu a sua denominação em homenagem ao poderoso império comercial da época medieval. No século XV, a abertura do comércio marítimo direto com a Europa teve uma forte influência na população local, muitos deles envolveram-se ativamente em negociações com europeus de várias nacionalidades, incluindo portugueses, holandeses e britânicos. O comércio inicial estava focado no ouro, abundantemente disponível na região, que mais tarde veio a dar o nome à futura colônia britânica da Costa do Ouro. Mas, nos séculos seguintes, o comércio de escravos tornou-se a principal atividade econômica, além da produção de cacau e atualmente, o petróleo.<sup>104</sup>

O Gana contemporâneo, que obteve sua independência no dia 6 de março de 1957, é majoritariamente composto pela antiga Costa do

---

<sup>103</sup> BOATENG, Ernest; AMANO, Davies; OLIVER; FAGE, John D. e MAIER, Donna J. **Gana**. Enciclopédia Britânica, 1º de junho de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Ghana>. Acesso em 1 de jun de 2024.

<sup>104</sup> *Ibidem*.

Ouro. A busca da colônia pela independência foi encabeçada por Kwame Nkrumah, um líder nacionalista e pan-africano<sup>105</sup>, que via a soberania de Gana como crucial não somente para o povo ganense, mas para toda a África. Nkrumah rapidamente estabeleceu os alicerces para a independência econômica dentro do novo país, iniciando vários projetos de desenvolvimento econômico. Infelizmente, anos de corrupção, má administração e regime militar obstruíram o crescimento e as conquistas. Contudo, na década de 1990, a condição do país começou a exibir sinais de melhoria e Gana é agora reconhecida como um exemplo de recuperação econômica próspera e de reforma política na África.<sup>106</sup>

Durante a busca de Nkrumah por seus ideais, Gana começou a enfrentar crescentes problemas internos. A gestão dele ficou marcada por um governo cada vez mais autoritário, corrupção generalizada e gestão econômica deficiente, pois sua política de grandes projetos de infraestrutura, financiados por empréstimos externos, resultou em dívidas consideráveis para o país e na baixa qualidade de vida da população. Em 1966, a insatisfação popular com a administração de Nkrumah culminou em um golpe militar durante uma viagem diplomática ao exterior. O golpe foi liderado pelo exército e pela polícia de Gana, com o apoio tácito de algumas potências ocidentais que viam Nkrumah como uma ameaça.<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> RODRIGUES, Natalia. ABPN. **O Legado transformador do pan-africanismo: um novo amanhecer para a diáspora negra**, 2024. Disponível em: <https://abpn.org.br/o-legado-transformador-do-pan-africanismo-um-novo-amanhecer-para-a-diaspora-negra/>. Acesso em: 14 de jun de 2024.

<sup>106</sup> **Kwame Nkrumah**. Enciclopédia Britânica, 7 de março de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Kwame-Nkrumah>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

<sup>107</sup> *Ibidem*.



O legado de Nkrumah é complexo e ambivalente. Ele é lembrado por um lado como um visionário e um dos principais líderes do movimento de independência africano, cujo sonho de um continente africano unido e livre inspirou muitos. No entanto, sua inclinação ao autoritarismo, seus erros econômicos e a corrupção comprometeram muitos dos ideais que defendia. Apesar das dificuldades e do final conturbado de seu governo, Nkrumah deixou uma forte impressão na história de Gana e na história da África como um todo. Seu sonho de uma África unida e livre ainda ecoa, embora a realização desse sonho tenha enfrentado muitos desafios e retrocessos.<sup>108</sup>

Como previamente enfatizado, Gana vivenciou uma série de revoluções militares após o desmoronamento do governo de Nkrumah. Esse cenário levou ao surgimento do Conselho de Libertação Nacional, sob a liderança do Tenente General Joseph A. Ankrah<sup>109</sup>. Com a destituição de Nkrumah, conforme orquestrado pelo General, o país passou por alterações significativas, tanto na configuração governamental quanto nas políticas financeiras, acompanhadas da introdução de políticas de natureza mais conservadora. Contudo, Ankrah não logrou êxito em instaurar uma democracia parlamentar e, em 1969, foi sucedido pelo Brigadeiro Akwasi Amankwaa Afrifa<sup>110</sup>, figura de destaque na revolução.<sup>111</sup>

---

<sup>108</sup> *Ibidem.*

<sup>109</sup> **Tenente General Joseph A. Ankrah. GANAWEB. Disponível em:** [https://www.ghanaweb.com/person/Lt-General-Joseph-A-Ankrah-119#google\\_vignette](https://www.ghanaweb.com/person/Lt-General-Joseph-A-Ankrah-119#google_vignette). Acesso em: 14 de jun de 2024.

<sup>110</sup> **Breve perfil: Akwasi Amankwa Afrifa.** Justice Ghana. Disponível em: <http://justiceghana.com/blog/research/profiles/brief-profile-akwasi-amankwaa-afrifa/>. Acesso em: 12 de jun de 2024.

<sup>111</sup> *Ibidem.*

Ao longo dos anos, Gana foi palco de outros golpes de Estado, que resultaram em mudanças drásticas na estrutura de poder. Um desses golpes ocorreu em 1972, quando militares intervieram após um período de governo civil que se mostrou ineficaz em gerir a pesada dívida externa herdada de administrações anteriores. Neste ponto, o poder foi transferido para um Conselho de Redenção Nacional (NRC), composto por militares e liderado pelo coronel Ignatius Kutu Acheampong<sup>112</sup>. Durante este período, Gana atravessou uma fase de instabilidade e medo, caracterizada pela implementação da pena capital, ausência de ordem e um declínio drástico na qualidade de vida dos seus cidadãos.<sup>113</sup>

Por conseguinte, em 1977, o SMC (Conselho Militar Supremo) propôs um “Governo da União”, sem partidos, mas um referendo revelou sua impopularidade. Em 1992, Rawlings do novo Congresso Nacional Democrático (NDC) venceu as primeiras eleições presidenciais desde 1979. Rawlings foi reeleito em 1996 e sucedido por John Kufuor em 2001, marcando a primeira transição pacífica de poder desde a independência de 1957. Por fim, em 2012, após a morte do presidente Mills, John Mahama assumiu o mandato, trazendo consigo um país com problemas econômicos e corrupção, culminando num escândalo em 2015 que resultou na demissão de vários juízes e funcionários judiciais.<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> **Ignatius Kutu Acheampong**. Enciclopedia Britannica, 12 Jun. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ignatius-Kutu-Acheampong>. Acesso em: 12 jun 2024.

<sup>113</sup> *Ibidem*.

<sup>114</sup> *Ibidem*.

## 4.5 GUINÉ-BISSAU

Localizado na costa atlântica ocidental da África, possui uma população de 1,6 milhão de habitantes e sua capital, Bissau, nomeia o país para diferenciá-lo de seu vizinho Guiné. A república tem como presidente Umaro Sissoco Embaló e primeiro-ministro Rui Duarte de Barros. Embora seu idioma oficial seja o português, o Crioulo é a língua mais falada no país, a língua foi criada durante o tráfico de escravos.<sup>115</sup>

O país foi um grande alvo das disputas de terra pelos ex-países imperialistas, entre os séculos XV e XVI a Guiné-Bissau teve suas fronteiras cercadas pela invasão francesa, embora os primeiros a explorar tenham sido os portugueses. Entretanto, após a Conferência de Berlim, em 1885, o domínio das terras guineenses foi a favor de Portugal. Apesar de sua capital ser Bissau, durante esse período colonial, as cidades de Bolama e Cacheu eram as mais importantes para o comércio de escravos.<sup>116</sup>

Após a Segunda Guerra, em 1956, Guiné-Bissau e Cabo Verde lutaram pela sua libertação, fundando o Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde (PAIGC), o qual teve Amílcar Cabral como líder revolucionário mais notável. Com a criação das Forças Armadas Revolucionárias Populares e das Forças Armadas Locais, o país conseguiu a reocupação da maioria de sua região, tomada pelos soldados portugueses. O revolucionário Cabral foi

---

<sup>115</sup> PÉLISSIER, René; GALLI, Alecrim Elizabeth; LOBBAN, Ricardo André. **Guiné-Bissau**. Enciclopédia Britannica, 2 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Guinea-Bissau>. Acesso em: 23 mai. 2024.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

assassinado em janeiro de 1973 e em setembro do mesmo ano, a independência foi conquistada.<sup>117</sup>

Na década de 1990, o país realizou as primeiras eleições presidenciais livres. Anos depois, ao aderirem à União Econômica Monetária da África Ocidental, com a volatilidade fiscal surgiu uma frustração generalizada, intensificada pela oposição ao governo. Contudo, com a ascensão de um governo repressivo contrário ao PAIGC, a reprovação levou à destituição por um golpe de Estado.<sup>118</sup>

Nos anos 2000, com o presidente João Bernardo Vieira no poder, porém, os crescentes conflitos entre a elite militar e a administração do governo geram uma instabilidade no país. Em 2009, Vieira é assassinado por militares e uma nova tentativa de golpe é realizada, sob a despeita de manterem-se no poder apenas até as novas eleições.<sup>119</sup>

Em 2011, uma aparente tentativa de golpe de Estado foi reprimida, após a ausência do presidente do país por motivos de saúde. Com a morte do presidente Sanhá, em 2012 foram realizadas novas eleições, entretanto conturbadas, desde acusações de fraudes à ocorrência de um golpe militar em 12 de abril. Mesmo com o passar dos anos, após diversos golpes de Estado, a política da Guiné-Bissau ainda vive em clima de instabilidade, pois em 2022 o país sofreu com mais

---

<sup>117</sup> CABRAL, Amílcar. *Our People are Our Mountains: Amilcar Cabral on the Guinean de Revolution*. London: Committee for Freedom in Mozambique, Angola & Guiné, 1972.

<sup>118</sup> BIJAGÓ, V. G. Os golpes de estado na Guiné Bissau: o cotidiano do poder no contexto da diversidade étnica e da construção nacional. Repositório Universidade Federal de Alagoas, 3 jun. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/3568>. Acesso em 24 mai. 2024.

<sup>119</sup> *Ibidem*.

uma tentativa de golpe que, apesar de fracassado, ainda resultou na morte de 11 pessoas.<sup>120</sup>

Nessa perspectiva, o tenso clima político do país preocupa a comunidade internacional, principalmente a União Africana, que apela à paz e o respeito à Constituição guineense. Após a dissolução do parlamento, em 2023, o presidente da comissão da UA condena a violência recente no país e pede para que as partes dêem prioridade ao diálogo.<sup>121</sup> Sob esse cenário, a UA vem demonstrando sua preocupação com as sucessivas tentativas de violação e ações truculentas que põem em risco a situação política do país. O comissário Bankole Adooye, em encontro com o presidente Embaló, afirmou que a organização aplica “tolerância zero” a qualquer tipo de cenário anti-constitucional na Guiné-Bissau.<sup>122</sup>

## 4.6 NIGÉRIA

A Nigéria é um país localizado na região ocidental da África, com uma extensão territorial de aproximadamente 923.768 quilômetros quadrados. A sua população é a mais numerosa do continente, com

---

<sup>120</sup> SOUSA, M. G. DE. **Guiné-Bissau : o golpe militar de 12 de Abril e a necessidade da reforma do sector de segurança**. Repositório Universidade Lusíada, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11067/1024>. Acesso em 24 mai. 2024.

<sup>121</sup> Lusa. **Instabilidade em Bissau preocupa comunidade internacional**. DW, 05 dez. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/instabilidade-na-guin%C3%A9-bissau-preocupa-comunidade-internacional/a-67642256>. Acesso em: 24 mai. 2024.

<sup>122</sup> Conferência da União - 35ª Sessão Ordinária, 2022, Adis Abeba, Etiópia. **Relatório de Actividades do Conselho de Paz e Segurança (PSC) e Sobre a Situação de Paz e Segurança em África [...]**. [S. l.: s. n.], 2022. p. 32. Disponível em: [https://au.int/sites/default/files/decisions/42725-Assembly\\_AU\\_Dec\\_813-838\\_XXXV\\_P.pdf](https://au.int/sites/default/files/decisions/42725-Assembly_AU_Dec_813-838_XXXV_P.pdf). Acesso em: 24 mai. 2024.

cerca de 220 milhões de habitantes, tornando-se o 7º país mais populoso do mundo.<sup>123</sup>

O país é extremamente diverso, tanto em termos étnicos quanto culturais, com mais de 250 grupos étnicos. Os principais grupos incluem Hausas, Ioruba, Igbos e Fulani. Existem mais de 500 línguas faladas no país, como edo, ibíbio e tiv, sendo o inglês a língua oficial, utilizada para fins administrativos e educacionais.<sup>124</sup>

A Nigéria é uma república federal, com um sistema presidencialista. O presidente é eleito por votação direta para um mandato de quatro anos, podendo ser reeleito para um segundo mandato. O atual presidente se chama Bola Tinubu, filiado ao Congresso de Todos os Progressistas e ocupa o cargo desde 2023.<sup>125</sup> A capital da Nigéria é Abuja, uma cidade planejada inaugurada em 1991 para substituir Lagos, que continua sendo a maior cidade e o principal centro econômico do país. Abuja foi escolhida por sua localização central, que facilita a integração das diversas regiões do país.<sup>126</sup>

Culturalmente, a Nigéria é um país vibrante e diverso, com uma rica herança de música, dança, literatura e arte. A literatura nigeriana é reconhecida globalmente, sendo Wole Soyinka, o primeiro africano negro a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura em 1986. Outros escritores nigerianos renomados internacionalmente incluem Chinua Achebe,

---

<sup>123</sup> **World Factbook Glyph**. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/nigeria/>. Acesso em: 29 maio. 2024.

<sup>124</sup> Ajayi, J.F. Ade , Udo, Reuben Kenrick , Falola, Toyin O. and Kirk-Greene, Anthony Hamilton Millard. **Nigeria**. Enciclopédia Britannica. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Nigeria>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>125</sup> McKenna, Amy. **Bola Tinubu**. Enciclopédia Britânica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Bola-Tinubu>. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>126</sup> Ajayi, J.F. Ade , Udo, Reuben Kenrick , Falola, Toyin O. and Kirk-Greene, Anthony Hamilton Millard. **Nigeria**. Enciclopédia Britannica. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Nigeria>. Acesso em: 28 maio 2024.

Buchi Emecheta, Flora Nwapa, e Chimamanda Ngozi Adichie. A indústria cinematográfica nigeriana, conhecida como Nollywood, é uma das maiores do mundo, produzindo milhares de filmes por ano.<sup>127</sup>

O país é um ator-chave na política e economia africanas, frequentemente envolvida em iniciativas de paz e segurança no continente. No cenário internacional, é membro de várias organizações importantes além das Nações Unidas (ONU). São estas a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO)<sup>128</sup> e a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).<sup>129</sup>

Historicamente, a Nigéria passou por períodos de regimes autoritários, especialmente durante a segunda metade do século XX. Após a independência do Reino Unido em 1960, a Nigéria enfrentou uma série de golpes militares e governos autoritários, culminando na Guerra Civil de Biafra (1967-1970), que resultou em grande sofrimento humano e perdas econômicas. A transição para a democracia começou em 1999, com a eleição de Olusegun Obasanjo como presidente, marcando o fim de décadas de ditadura militar.<sup>130</sup>

No cenário atual, a Nigéria enfrenta desafios significativos, incluindo corrupção, insurgência do grupo terrorista Boko Haram no Nordeste, tensões étnicas e religiosas e desigualdade econômica. No entanto, o país também tem mostrado resiliência e potencial de

---

<sup>127</sup> *Ibidem*.

<sup>128</sup> **Sobre a CEDEAO**. Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental. Disponível em: <https://www.ecowas.int/sobre-a-cedeo/?lang=pt-pt>. Acesso em: 29 maio. 2024.

<sup>129</sup> **Opep**. Organização dos Países Exportadores de Petróleo. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/guia-de-economia/opep>. Acesso em: 29 maio. 2024.

<sup>130</sup> Ajayi, J.F. Ade , Udo, Reuben Kenrick , Falola, Toyin O. and Kirk-Greene, Anthony Hamilton Millard. **Nigeria**. Enciclopédia Britannica. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Nigeria>. Acesso em: 28 maio 2024.

crescimento, sendo uma das economias de mais rápido crescimento em África, impulsionada por setores como petróleo, tecnologia e serviços.<sup>131</sup>

A Nigéria tem se esforçado para superar as estruturas de poder e pensamento impostas pelo colonialismo. Sua narrativa decolonial envolve a reavaliação crítica da história nacional e a busca por um futuro mais equitativo e inclusivo para todos os seus cidadãos.<sup>132</sup>

## 4.7 SENEGAL

Conhecida como “porta de entrada para a África”, a República do Senegal está localizada no ponto mais Ocidental do continente e é utilizada em muitas rotas aéreas e marítimas. É uma república parlamentar, tendo como presidente Bassirou Diomaye Faye e como primeiro-ministro Ousmane Sonko. O país possui uma população aproximada de 18.5 milhões de habitantes e sua capital é Dacar. Esta metrópole é sua cidade de mais destaque, sendo um destino turístico popular por suas belas praias e paisagens. Além disso, Dacar possui um dos portos mais importantes de África e é um centro econômico e cultural de grande destaque.<sup>133</sup>

A região que hoje compreende o Senegal, foi importante para as rotas de caravanas transaarianas. Nesse sentido, também foi um dos primeiros locais de contato europeu, sendo disputado por França, Inglaterra, Portugal e Países Baixos, posteriormente ficando sob o

---

<sup>131</sup> *Ibidem.*

<sup>132</sup> *Ibidem.*

<sup>133</sup> Camara, Camila; Hargreaves, John D.; Clark, André. **Senegal**. Encyclopedia Britannica, 17 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Senegal>. Acesso em: 22 mai. 2024.



controle francês no final do século XIX. Em 1960, o país conquistou a sua independência sob a liderança do estadista Léopold Senghor, a princípio como uma parte da Federação do Mali e, em seguida, como um estado soberano em sua totalidade.<sup>134</sup>

O processo revolucionário de independência no Senegal foi bastante influenciado por movimentos na Ásia e na própria África, logo, os deputados socialista Léopold Senghor e Lamine Guèye buscaram restaurar os direitos políticos com base na identidade africana e na civilização francesa. Após a independência e durante seu governo como presidente, Senghor manteve uma colaboração no âmbito interno com líderes da hierarquia muçulmana no país e com a França, que continuou fornecendo apoio às questões econômicas e militares.<sup>135</sup>

Percebe-se que o Senegal manteve uma postura mais tolerante e pluralista, comparado a outros Estados africanos. Em 1976, o presidente autorizou a formação de dois partidos de oposição e em 1981, Abdou Diouf, do Partido Socialista, estendeu essa liberdade política provisoriamente, o qual manteve seu governo com alianças às hierarquias muçulmanas. Com o passar dos anos, surgiram acusações de desigualdade e fraude, concomitantemente, o país sofria com o aumento do desemprego e do custo de vida, configurações que desafiaram o governo de Diouf.<sup>136</sup>

No ano de 1989, irrompeu um conflito fronteiriço entre Mauritânia e Senegal sobre a utilização do Rio Senegal, o que gerou uma grave

---

<sup>134</sup> *Ibidem.*

<sup>135</sup> **Senegal, 1960.** Memorial da Democracia. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/africa/sn#:~:text=Em%201959%2C%20solicitar%2C%20em%20conjunto>. Acesso em: 29 abr. 2024.

<sup>136</sup> **Abdou Diouf.** Enciclopedia Britannica, 27 abr. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Abdou-Diouf>. Acesso em: 22 mai. 2024.

violência étnica e um massacre a centenas de senegaleses, assim como o enfraquecimento das relações diplomáticas. Apesar de terem firmado um acordo em 1992 para restaurar as relações diplomáticas, as tensões entre os países seguiu até 2000, quando o Senegal evitou mais violência ao abdicar de um plano de irrigação sob a utilização do rio.<sup>137</sup>

Ademais, outro desafio foi o conflito de Casamança, a zona sul que é fisicamente isolada do resto do país pela Gâmbia. Um grupo rebelde da região lutava pela independência, mas o governo senegalês recusou-se a negociar. Posteriormente, após a violência sofrida pelos rebeldes envolvidos na luta do golpe militar na Guiné-Bissau, o líder das forças rebeldes declarou o fim da guerra pela região da Casamança e firmou um acordo de paz em 2004, apesar de algumas facções rebeldes terem continuado a lutar.<sup>138</sup>

Por fim, é importante ressaltar que o Senegal compõe a União Africana e a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental. No que tange às relações exteriores, pode-se destacar as parcerias com a França e os Estados Unidos, assim como boa convivência com países vizinhos e progressos fundamentais com a Mauritânia – principalmente com o acolhimento aos seus refugiados.<sup>139</sup>

## 4.8 TOGO

---

<sup>137</sup> **Mauritânia-Senegal: Dois países ainda de costas voltadas.** Jornal E-Global, 2016. Disponível em: <https://e-global.pt/noticias/mundo/magrece/mauritania-senegal-dois-paises-ainda-de-costas-voltadas/>. Acesso em: 24 mai. 2024.

<sup>138</sup> *Ibidem.*

<sup>139</sup> Al Jazeera. **Mauritanian refugees refuse to leave Senegal.** Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2014/5/8/mauritanian-refugees-refuse-to-leave-senegal>. Acesso em: 24 mai. 2024.

O Togo, oficialmente denominado República Togolesa, é um país localizado na África Ocidental. Faz fronteira com Gana a oeste, Benim a leste e Burkina Faso ao norte, enquanto ao sul está o Golfo da Guiné. A capital e maior cidade é Lomé. O país cobre uma área de aproximadamente 56.785 km<sup>2</sup> e possui uma população de cerca de 8 milhões de pessoas. As línguas oficiais são o francês, enquanto várias línguas indígenas, como o Ewe e o Kabiyé, são amplamente faladas. A moeda do Togo é o Franco CFA da África Ocidental<sup>140</sup>.

A história colonial do Togo começou no final do século XIX, quando as potências europeias estavam dividindo a África. Em 1884, o Togo tornou-se um protetorado alemão conhecido como Togoland.<sup>141</sup> Sob o domínio alemão, o país experimentou a construção de infraestrutura básica, incluindo ferrovias e estradas, além do desenvolvimento de plantações de cacau, café e algodão. A administração colonial alemã era rigorosa e muitas vezes repressiva, o que gerou resistência entre a população local.<sup>142</sup>

Após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, Togoland foi dividido em duas partes sob mandato da Liga das Nações em 1922. A parte oriental foi administrada pela França, enquanto a parte ocidental foi administrada pelo Reino Unido. A porção francesa tornou-se o Togo moderno, enquanto a parte britânica foi eventualmente integrada ao que hoje é Gana. Sob o domínio francês, o Togo continuou a desenvolver suas plantações, e a infraestrutura foi expandida, mas a

---

<sup>140</sup> **World Factbook Glyph**. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/togo/summaries>. Acesso em: 27 maio. 2024.

<sup>141</sup> DESCHAMPS, H. J.; DECALO, S. **History of Togo**, 9 jun. 2023. (Nota técnica).

<sup>142</sup> *Ibidem*

administração colonial também enfrentou resistência dos togoleses, que buscavam mais autonomia.<sup>143</sup>

O movimento pela independência ganhou força após a Segunda Guerra Mundial, culminando em 1956, quando o Togo Francês obteve o status de república autônoma dentro da Comunidade Francesa. Em 27 de abril de 1960, o Togo tornou-se plenamente independente da França. Sylvanus Olympio tornou-se o primeiro presidente do Togo independente, mas seu governo foi breve; ele foi deposto e assassinado em um golpe militar em 1963.<sup>144</sup>

Após a independência, o Togo experimentou períodos de instabilidade política e ditaduras. Gnassingbé Eyadéma chegou ao poder em 1967 através de um golpe militar e governou até sua morte em 2005, tornando-se um dos líderes mais longevos da África. Seu filho, Faure Gnassingbé, assumiu a presidência, mantendo o controle político da família sobre o país. As eleições no Togo têm sido marcadas por controvérsias e alegações de fraude, mas o país também tem visto um desenvolvimento gradual e esforços para melhorar a infraestrutura e a economia.<sup>145</sup>

Culturalmente, o Togo é conhecido por sua diversidade étnica e tradições vibrantes. A economia do Togo é baseada na agricultura, sendo os principais produtos de exportação o algodão, o café e o cacau.<sup>146</sup> Além disso, o país possui depósitos significativos de fosfato,

---

<sup>143</sup> *Ibidem*

<sup>144</sup> **World Factbook Glyph**. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/togo/summaries>. Acesso em: 27 maio. 2024

<sup>145</sup> *Ibidem*

<sup>146</sup> **World Factbook Glyph**. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/togo/summaries> . Acesso em: 27 maio. 2024.

que são uma importante fonte de receita. A economia enfrenta desafios, incluindo a necessidade de diversificação e a melhoria das condições de vida para a população.<sup>147</sup>

A política atual do Togo é dominada pelo partido União para a República (UNIR) e pelo presidente Faure Gnassingbé, que está no poder desde 2005, após suceder seu pai, Gnassingbé Eyadéma, que governou o país por 38 anos. O regime de Faure Gnassingbé tem enfrentado críticas e protestos de grupos opositores que acusam o governo de autoritarismo e fraudes eleitorais. Apesar disso, o presidente foi reeleito em 2020, em um pleito contestado por opositores. O Togo também enfrenta desafios econômicos e sociais, buscando atrair investimentos e promover reformas para melhorar a infraestrutura e as condições de vida da população, enquanto tenta equilibrar a estabilidade política e a demanda por maior democratização e transparência.<sup>148</sup>

---

<sup>147</sup> DESCHAMPS, H. J.; DECALO, S. **History of Togo**, 9 jun. 2023. (Nota técnica).

<sup>148</sup> *Ibidem*

## 5 ÁFRICA ORIENTAL

### 5.1 ETIÓPIA

Localizado no Corno da África, a Etiópia é o maior e mais populoso país da região, com mais de 1 milhão de quilômetros quadrados de extensão e cerca de 109 milhões de habitantes. É uma república democrática federativa, tendo como chefe de Estado o presidente Sahle-Work Zewde e o primeiro-ministro Abiy Ahmed. A Etiópia foi uma das primeiras nações independentes a assinarem a Carta da ONU e a apoiar o movimento decolonial e pan-africano. Sua capital, Addis Ababa, é a sede da Organização da Unidade Africana (OUA) e da Comissão Econômica das Nações Unidas para a África (UNECA).<sup>149</sup>

Há grande diversidade étnica, principalmente no âmbito linguístico. As mais de 100 línguas do país podem ser divididas em quatro grupos: *semítico*, *cushita*, *omótico* (afro-asiáticos) e *nilótico* (nilo-saariano). Sob a constituição, todas as línguas são oficialmente reconhecidas, mas *amárico* é a usada em assuntos diplomáticos, assim como o *oromo*, o idioma mais falado.<sup>150</sup>

Independente desde 980 antes de Cristo, considera-se um dos países mais antigos do mundo, onde 11 sítios arqueológicos protegidos pela UNESCO se localizam.<sup>151</sup> Foi um dos dois únicos países da África

---

<sup>149</sup> MEHRETU, Assefa; CRUMMEY, Donald Edward; MARCUS, Harold G. **Ethiopia**. Enciclopédia Britannica, 29 apr. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Ethiopia>. Acesso em: 16 mai. 2024.

<sup>150</sup> *Ibidem*.

<sup>151</sup> UNESCO World Heritage Convention. **Lista del Patrimonio Mundial**. Disponível em: <https://whc.unesco.org/es/list/?iso=et&search=&>. Acesso em: 19 mai. 2024.

livres da colonização europeia. Nesse sentido, o país serviu como um símbolo de resistência africana ao imperialismo europeu e as cores de sua bandeira serviram de inspiração para os países africanos que conquistaram a independência durante o século XX, assim como para a bandeira do movimento pan-africano.<sup>152</sup>

No que tange à temática de “ascensão de regimes autoritários na África frente um cenário decolonial”, temos que o atual primeiro-ministro Abiy Ahmed fora nomeado com um Prêmio Nobel da Paz em razão de seus esforços para dar um fim à guerra com a Eritreia. Contudo, críticas surgiram após a reação violenta do governo aos protestos resultantes da morte do músico popular Haacaaluu Hundeessaa em 2020. O pesquisador Ahmed Soliman vê com apreensão “a facilidade com que as forças de segurança voltam aos instrumentos familiares de repressão, como cortar a Internet, prender críticos e acusar jornalistas de promoverem a violência”.<sup>153</sup>

Atualmente, a Etiópia se encontra em cenário de guerra. O governo etíope afirmou diversas vezes não alvejar civis, porém vídeos analisados por canais de comunicação, como a BBC, mostram homens com trajes do exército local apreendendo e assassinando civis da etnia *Oromo*. A Comissão de Direitos Humanos etíope acredita que os homicídios foram obras das Forças Armadas etíopes e milícias aliadas.<sup>154</sup>

---

<sup>152</sup> Flags. *In*: Explained. Produção: Vox Media. Plataforma: Netflix, 30 jul. 2021. 1 VOD (25 min)

<sup>153</sup> KRIPPAHL, Cristina. **A democratização da Etiópia em causa**. 09 jul. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/a-democratiza%C3%A7%C3%A3o-da-eti%C3%B3pia-em-causa/a-54114193>. Acesso em: 17 mai. 2024.

<sup>154</sup> BBC News Brasil. **As pistas de um massacre esquecido na guerra da Etiópia**. 8 nov. 2022. (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NKojl01ggk>. Acesso em: 19 mai. 2024.

## 5.2 TANZÂNIA

A Tanzânia, oficialmente conhecida como República Unida da Tanzânia, é um país localizado na África Oriental. Sua capital administrativa é Dodoma, enquanto Dar es Salaam é a maior cidade e o principal centro econômico. Com uma população de aproximadamente 63 milhões de pessoas (estimativa de 2024), a Tanzânia cobre uma área de 947.300 km<sup>2</sup>. As línguas oficiais são o suaíli e o inglês, e a moeda utilizada é o xelim da Tanzânia (TZS).<sup>155</sup>

Geograficamente, a Tanzânia é rica e diversificada, fazendo fronteira com o Quênia e Uganda ao norte; Ruanda, Burundi e República Democrática do Congo a oeste; Zâmbia, Maláui e Moçambique ao sul; e o Oceano Índico a leste. Entre os pontos geográficos notáveis estão o Monte Kilimanjaro, a montanha mais alta da África, o Parque Nacional do Serengeti, conhecido por suas migrações de gnus, e a Ilha de Zanzibar, famosa por suas belas praias e rica história cultural.

A economia da Tanzânia é variada, com o PIB estimado em cerca de 68 bilhões de USD em 2023. A agricultura é o principal setor econômico, empregando a maioria da população e produzindo itens como café, chá, algodão, caju, tabaco e especiarias. A mineração é outra importante fonte de receita, especialmente na extração de ouro, diamantes e tanzanita. O turismo também é um setor em crescimento, atraindo visitantes devido aos seus parques nacionais e praias deslumbrantes.

---

<sup>155</sup> **World Factbook Glyph**. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/tanzania/summaries/> . Acesso em: 27 maio. 2024.



Demograficamente, a esperança de vida na Tanzânia é de aproximadamente 65 anos, e a taxa de alfabetização é de cerca de 77% entre os adultos.<sup>156</sup> A população do arquipélago de Zanzibar é predominantemente muçulmana, representando 99% dos habitantes. No continente, as comunidades muçulmanas estão majoritariamente concentradas nas áreas costeiras, embora também existam grandes minorias muçulmanas em algumas áreas urbanas do interior. Havendo também a presença diversa de denominações cristãs católicas e demais vertentes protestantes.<sup>157</sup>

A Tanzânia possui um passado colonial complexo e diversificado, influenciado por várias potências estrangeiras. Originalmente habitado por povos Bantu, Nilóticos e Cushitas, o território viu a chegada dos portugueses no final do século XV, seguidos por comerciantes árabes e persas, que impactaram especialmente Zanzibar. No final do século XIX, a Alemanha colonizou a Tanganica, integrando-a na África Oriental Alemã. Após a Primeira Guerra Mundial, o Reino Unido assumiu o controle até a independência em 1961. Zanzibar foi um sultanato e um centro comercial antes de se tornar um protetorado britânico em 1890, mantendo-se semi-autônomo até 1963.<sup>158</sup>

A política atual da Tanzânia está marcada pela liderança de Samia Suluhu Hassan, a primeira mulher a assumir a presidência do país, após a morte do presidente John Magufuli em março de 2021. Sob sua liderança, a Tanzânia tem visto uma abordagem mais conciliadora e aberta em comparação com o governo de Magufuli, que foi conhecido por seu autoritarismo e negação da gravidade da pandemia de COVID-

---

<sup>156</sup> Mascarenhas, A. C. et al. **Tanzânia**, 29 de maio de 2024. (Nota técnica).

<sup>157</sup> *Ibidem*

<sup>158</sup> *Ibidem*

19. Hassan se propõe a restaurar relações internacionais, promover a liberdade de imprensa e incentivar o investimento estrangeiro. No entanto, desafios significativos permanecem, incluindo a necessidade de reformar o sistema político para aumentar a transparência e combater a corrupção.<sup>159</sup>

---

<sup>159</sup> *Ibidem*

## 6 NORTE DA ÁFRICA

### 6.1 ARGÉLIA

A Argélia, o maior país do continente africano e o décimo maior do mundo em área territorial, possui uma população com estimativa de 46.839.000 milhões de habitantes, sendo predominante muçulmana. Em seu vasto território, os aglomerados populacionais se concentram na costa mediterrânea devido a existência do deserto do Saara que compreende mais de quatro quintos da área do país e apresenta as temperaturas superficiais mais quentes do planeta.<sup>160</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, apesar do controle incisivo da França no território, a economia argelina cresceu significativamente pela criação de empresas mineradoras e expansão da agricultura, favorecendo o crescimento demográfico urbano e os investimentos em ferrovias e rodoviárias<sup>161</sup>. Ainda dependendo fortemente da agricultura, após a independência frente à metrópole, a nação contemplou atividades de exportação de petróleo e gás natural.

Durante a II Guerra Mundial, inúmeros argelinos lutaram no norte da África, na Europa e, principalmente, na França para frear o avanço do nazismo, dizimando cerca de 65 mil nacionais no campo de batalha. Ainda assim, após o fim do conflito interestatal no mundo, a promessa francesa de Charles De Gaulle de conceder a independência ao território

---

<sup>160</sup> Brown, L. Carl, Chanderli, Abdel Kader, Sutton, Keith e Zaimche, Salah. **Argélia**. *Enciclopédia Britânica*, 18 de maio. 2024, <https://www.britannica.com/place/Algeria>. Acessado em 18 de maio de 2024

<sup>161</sup> Yazbek, Mustafá. **Argélia: a guerra e a independência**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.18.

foi quebrada, marcando o início da luta armada pela autodeterminação do povo argelino perante o jugo colonial. Após um grande período de luta em defesa da soberania e integridade territorial, o ano de 1962 marca a conquista da independência argelina perante a França.<sup>162</sup>

Contudo, os anos seguintes da recém formada República Democrática Popular da Argélia foram marcados por convocatórias eleitorais distantes do ideal pluralista de participação. Isto ocorre frente ao autoritarismo da Frente de Libertação Nacional, único partido legalmente reconhecido até 1989 perante sua importante participação no processo de emancipação da nação do controle europeu.<sup>163</sup>

No mundo contemporâneo, o país segue como uma república democrática com sistema presidencialista, sofrendo com reformulações constitucionais em 2020 para atender protestos antigovernamentais que exigiam a descentralização do poder. Mesmo existindo a pressão do governo para o país manter um executivo forte, existe uma maior atuação do judiciário, supervisão adicional do legislativo e uma das imprensas mais consolidadas do mundo árabe para a liberdade de expressão.<sup>164</sup>

## 6.2 EGITO

Considerado a “dádiva do Rio Nilo”, o Egito cresceu às suas margens pelo excepcional sistema de irrigação desenvolvido pelos primeiros povos, tornando-se o palco de prosperidade para a agricultura,

---

<sup>162</sup> *Ibidem*.

<sup>163</sup> Poerner, Arthur José. **Argélia: O Caminho da Independência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.29.

<sup>164</sup> POERNER, 1966.

escrita, religião politeísta consolidada e famosa arquitetura conhecida ao redor do mundo. Seu território se localiza no nordeste da África e possui fronteira com Sudão ao sul, Líbia a oeste, Mar Mediterrâneo ao norte e, ao nordeste, Palestina e Israel.<sup>165</sup>

Na atualidade, apesar de possuir grandes extensões de áreas desérticas que compreendem cerca de 96% de suas terras, a República Árabe do Egito é considerada um centro de comércio internacional proporcionado pelo Canal de Suez, na Península do Sinai. Esse entreposto comercial encurta a rota marítima entre a África e Ásia, proporcionando diversas atividades comerciais, logísticas e de serviço benéficas para a sua economia.<sup>166</sup> Nesse aspecto, o Egito é considerado a segunda maior economia da África, atuando também em manufaturas, agricultura e turismo.<sup>167</sup>

A ascensão egípcia para alcançar a independência foi marcada por revoltas de viés nacionalista que desejavam consolidar o Egito como estado soberano no século XX. Em 1919, o estopim do despertar político ocorreu devido a recusa através do protetorado da Grã-Bretanha em permitir que o delegado egípcio Saad Zaghloul participasse das negociações do Tratado de Versalhes em Paris. Nessa trajetória, o Egito conquistou uma independência formal da Grã-Bretanha através do

---

<sup>165</sup> JAMES, Gilad. **Introdução ao Egito**. Gilad James Mystery School.

<sup>166</sup> Hopwood, Derek, Holt, Peter M., Little, Donald P., Baker, Raymond William, Smith, Charles Gordon e Goldschmidt, Arthur Eduard. **Egito**. Enciclopédia Britânica. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Egypt>. Acesso em 16 de maio de 2024.

<sup>167</sup> **World Factbook Glyph**. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/egypt/>. Acesso em: 28 de maio 2024.

Tratado Anglo-Egípcio, embora ainda mantivesse vínculos econômicos e militares com os britânicos.<sup>168</sup>

Apenas em 1952, o país alcançou sua emancipação política e militar através da proclamação da república, com um sistema presidencialista, em um golpe de estado realizado por um grupo de oficiais do exército. O Movimento de Oficiais Livres<sup>169</sup>, como eram conhecidos, tomaram o poder com o intuito de acabar com o colonialismo europeu e consolidar o direito à autodeterminação e à justiça social. Contudo, as políticas socialistas adotadas e o governo autoritário contribuíram para a disseminação da corrupção e a estagnação econômica, levando ao declínio do país no final de 1960.<sup>170</sup>

A conjuntura de regimes autoritários no território frente a um cenário decolonial perdurou nos governos seguintes de Anwar Sadat (1970-1981), Hosni Mubarak (1981-2011). Estes líderes apresentavam entraves preocupantes em sua estrutura de governo, como fortes desigualdades sociais, ondas de corrupção, protestos sociais violentos e autoritarismo. Atualmente, a represália persiste sob o controle do presidente Abdel Fattah el-Sisi desde 2014, protagonista que derrubou o primeiro presidente eleito democraticamente pelo povo com um golpe de Estado.<sup>171</sup>

Sisi consolidou o modelo governamental do Egito de forma autoritária, restringindo a liberdade civil e a de expressão através da censura da mídia e repressão de grupos opositores. Sob seu regime, as

---

<sup>168</sup> *Ibidem.*

<sup>169</sup> Humankind Encyclopedia. 2024. Disponível em: [https://humankind-encyclopedia.games2gether.com/pt-br/warfare/game-content/units/Unit\\_LandUnit\\_Era6\\_Egypt\\_FreeOfficers](https://humankind-encyclopedia.games2gether.com/pt-br/warfare/game-content/units/Unit_LandUnit_Era6_Egypt_FreeOfficers). Acesso em: 14 jun. 2024.

<sup>170</sup> *Ibidem.*

<sup>171</sup> *Ibidem.*

forças armadas exercem grande poder, aplicando prisões arbitrárias, execuções extrajudiciais e torturas contra os críticos, desestruturando o modelo democrático justo e livre do sufrágio universal.<sup>172</sup>

### 6.3 MARROCOS

O Reino de Marrocos é um país localizado no Norte da África, na região do Magrebe, banhado tanto pelo oceano Atlântico quanto pelo Mar Mediterrâneo e separado da Espanha pelo Estreito de Gibraltar. A população de mais de 37 milhões de habitantes é regida por uma monarquia constitucional com um parlamento eleito, no qual governam em conjunto o rei Maomé VI e o primeiro-ministro Aziz Akhannouch. Sua paisagem é composta principalmente por montanhas e desertos, mas a população se concentra mais nas áreas de terras férteis.<sup>173</sup>

Tratando-se do âmbito cultural, o país representa uma mistura de influências berbere, árabe e europeia, sendo a maior parte da população de origem árabe ou berbere, compondo cerca de 99% conjuntamente, e o restante é de origem europeia. Durante o século VII, a expansão islâmica chega em Marrocos e o império árabe torna o Islã a religião oficial. Posteriormente, foi ocupado por forças espanholas e francesas desde o século XVI até 1956, quando se tornou independente. Dessa forma, a religião oficial permanece o Islã e ela garante a todos o exercício livre das suas crenças. Além disso, o árabe e o amazigue são

---

<sup>172</sup> Baker, Peter; Walsh, Declan. Trump Shifts Course on Egypt, Praising Its Authoritarian Leader. *The New York Times*, 2017. Acesso em: 30 de maio 2024

<sup>173</sup> LAROUJ, Abdallah; MILLER, Susan Gilson; BROWN, L. Carl; SWEARINGEN, Will D.; BARBOUR, Nevill. **Morocco**. *Encyclopedia Britannica*, 15 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Morocco>. Acesso em: 20 mai. 2024.

consideradas línguas oficiais, mas também é falada o espanhol e o francês.<sup>174</sup>

Sobre a temática “ascensão de regimes autoritários na África frente um cenário decolonial”, no principal centro comercial do país, a cidade de Casablanca, foi noticiado que autoridades locais foram responsáveis pela demolição de residências nas periferias da cidade. Fato que é mascarado pela monarquia marroquina diante da comunidade internacional, conforme aduz Marcos Cardinali: “Ao longo da história, a população marroquina tem sofrido secas cíclicas, marginalização, exclusão e roubo sistemático de suas riquezas e colheitas pelo Makhzen, o regime político liderado pela monarquia”.<sup>175</sup>

Vale mencionar que o Marrocos construiu sua independência com um governo altamente centralizado, baseado no princípio de governança nacional, assim como outros países que compõem o Magreb, a exemplo da Argélia e da Tunísia. O poder político se encontra nas autocracias, em que líderes se preocupam mais com a própria sobrevivência do que a prosperidade coletiva, muitas vezes recorrendo a práticas coercitivas a movimentos pluralistas. Contudo, a população se apresenta disposta a mudanças políticas que desafiam o governo que falha em atender às demandas populares, fato que se observa diante do sucesso da Primavera Árabe.<sup>176</sup>

---

<sup>174</sup> CARDINALI, Marcos. **Marrocos: história, ancestralidade e diversidade cultural**. 2 jan. 2023. Disponível em: <https://www.genera.com.br/blog/marrocos-historia/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

<sup>175</sup> ROCHA, Ana Paula. A fome velada no Marrocos. **Brasil de Fato**. 14 out. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/14/a-fome-velada-no-marrocos>. Acesso em: 20 mai. 2024.

<sup>176</sup> HICHAM, Moulay. **Entre o autoritarismo e a esperança democrática**. Diplomatie. 3 nov. 2016. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/entre-o-autoritarismo-e-a-esperanca-democratica/>. Acesso em: 23 mai. 2024.



## 6.4 TUNÍSIA

A República da Tunísia se localiza na região Norte do continente africano, inserido entre a Argélia ao oeste e a Líbia ao leste. O presidente Kais Saied e o primeiro-ministro Ahmed Hachani governam uma população de quase 12 milhões. Oficialmente, é falado o árabe, mas também se fala o dialeto tunisiano árabe, línguas berberes e francês. A religião predominante no país é o islamismo, porém o exercício de outras religiões é permitido.<sup>177</sup>

O país foi o berço das revoluções populares que dominaram o Oriente Médio no século XXI, evento conhecido como Primavera Árabe. Após o suicídio do comerciante Mohammed Bouazizi, motivado pela violência policial que sofreu, a população tunisiana se revoltou contra a corrupção e as políticas repressivas do governo, dessa forma, deporaram o antigo presidente. Esse movimento inspirou países vizinhos que compartilham das mesmas reivindicações diante dos regimes anti-democráticos que governam a região árabe.<sup>178</sup>

Nos anos seguintes à revolução, a Tunísia entrou em estado de transição democrática, ainda marcado por instabilidades políticas, mas que conquistou uma constituição progressiva em 2014. Atualmente, os tunisianos encontram-se na ameaça de regresso aos regimes autoritários. O presidente Kais Saied foi eleito democraticamente em

---

<sup>177</sup> MURPHY, Emma; BROWN, L. Carl; CLARKE, John Innes; TALBI, Mohamed; BARBOUR, Nevill. **Tunísia**. Encyclopedia Britannica. 26 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Tunisia>. Acesso em: 26 mai. 2024.

<sup>178</sup> LUZ, Camila. **Primavera Árabe: o que aconteceu no Oriente Médio?** Politize! 20 dez. 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/primavera-arabe/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

2019, mas em 2021 desestruturou a maioria dos órgãos democráticos sob a justificativa de ingovernabilidade, por meio de um referendo. Com as eleições se aproximando, o Saied vêm aumentando os ataques contra jornalistas, opositores políticos e a sociedade civil.<sup>179</sup>

Segundo Lamine Benghazi, membro não residente do Instituto Tahrir para a Política do Médio Oriente,

“O ano eleitoral na Tunísia está profundamente marcado pelo medo, pela repressão e pela ausência de um Estado de direito [...] Com os organismos independentes desmantelados, a autonomia do poder judicial seriamente comprometida, uma parte significativa da oposição política encarcerada ou a enfrentar ações judiciais e os meios de comunicação social sujeitos a uma censura draconiana, existem sérias preocupações de que a sociedade civil possa ser o próximo alvo da campanha de Kais Saied para desmantelar os contrapoderes”.<sup>180</sup>

---

<sup>179</sup> BBC. **Tunísia: perfil do país que deu o pontapé inicial da Primavera Árabe.** 14 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63602554>. Acesso em: 24 mai. 2024.

<sup>180</sup> HOLLEIS, Jennifer; GUIZANI, Tarak. **Tunísia: Aumento da repressão marca período pré-eleitoral.** DW. 3 abr. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/tun%C3%ADsia-aumento-da-repress%C3%A3o-marca-per%C3%ADodo-pr%C3%A9-eleitoral/a-68729445>. Acesso em: 24 mai. 2024.

## 7 UNIÃO EUROPEIA

Criada em 1º de novembro de 1993, através do Tratado de Maastricht, é uma organização internacional que, atualmente, compreende 27 países do continente europeu.<sup>181</sup> Assim, a UE possui o condão de reger políticas econômicas, sociais e de segurança comum.<sup>182</sup>

Além disso, o objetivo da organização é melhorar a integração política e econômica da região, por meio da criação de uma moeda única, neste caso, o euro; a política externa, a segurança unificada e a cidadania comum também são prioridades da UE. Logo, os esforços da organização para promover a paz e a democracia na Europa foram reconhecidos com o recebimento do Prêmio Nobel da Paz em 2012.<sup>183</sup>

Recentemente, a relação UE-UA foi estreitada com novos acordos. Em 2022, os Chefes de Estado ou de Governo de ambas as organizações reuniram-se para a Sexta Cimeira UE-UA, na reunião foram alinhadas questões de preocupação conjunta, quais sejam paz, segurança, solidariedade, prosperidade e desenvolvimento econômico.<sup>184</sup>

---

<sup>181</sup> Áustria, Bélgica, Bulgária, Croácia, Chipre, República Checa, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polônia, Portugal, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Suécia.

<sup>182</sup> Gabel, Mateus J. **União Europeia**. Enciclopédia Britannica, 27 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/European-Union>. Acesso em: 27 mai. 2024.

<sup>183</sup> *Ibidem*.

<sup>184</sup> European Parliament. **Fact Sheets on the European Union: Relations beyond the neighbourhood - Africa**. 2023. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/factsheets/pt/sheet/180/africa>. Acesso em: 27 mai. 2024.

A parceria resultado desse encontro tem o objetivo de promover prioridades comuns, preservando seus bens e os interesses de ambos. Nestas estão incluídas a defesa dos direitos humanos, o Estado de direito, a igualdade de gênero, a preservação do meio ambiente e a luta contra as desigualdades. Por fim, os dirigentes acordaram um Pacote de Investimento África-Europa no valor de 150 mil milhões de euros.<sup>185</sup>

Entretanto, é preciso analisar criticamente a organização, tendo em vista que traz consigo rastros de um passado hostil. O eurocentrismo é uma problemática que afeta populações e alimenta discriminações e preconceitos, algumas das teses utilizadas para fortalecer essa corrente foram as mesmas usadas para justificar o escravagismo. A reflexão é notória, uma vez que a simples crença de que o homem branco-caucasiano é uma raça “superior” foi motivo para grupos colonizadores dizimarem populações nos séculos passados.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que mesmo após o processo de descolonização, ex-colônias africanas continuaram a ser exploradas para suprir desejos econômicos dos exploradores, sob a ótica de estarem investindo na região. Logo, utilizam estratégias político-econômicas para injetar investimentos em países vulneráveis economicamente, aproveitando-se para explorar mão de obra e reservas naturais, sob a falsa narrativa de parcerias econômicas.<sup>186</sup>

---

<sup>185</sup> European Union. **6th European Union - African Union Summit: A Joint Vision for 2030**. 18 fev. 2022. Disponível em: [https://www.consilium.europa.eu/media/54412/final\\_declaration-en.pdf](https://www.consilium.europa.eu/media/54412/final_declaration-en.pdf). Acesso em: 27 mai. 2024.

<sup>186</sup> Penna Filho, Pio; Badu, Koffi Robert. A França na África: as intervenções militares e suas motivações – o caso da Costa do Marfim. **Carta Internacional**, Brasília, p. 156-172, out. 2015. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/197/111>. Acesso em: 29 mai. 2024.

## 7.1 BÉLGICA

Localizado no noroeste do continente Europeu, o Reino da Bélgica é um dos países com maior densidade populacional da região e desde sua independência, em 1830, é uma democracia representativa com um monarca constitucional hereditário, atualmente o rei Philippe.<sup>187</sup>

Com os interesses conflitantes entre norte e sul do Reino Unido dos Países Baixos, a Revolução Belga eclodiu pelo país após a recusa do rei Guilherme de Orange em renunciar sua autoridade, assim, a inflexibilidade do rei levou à ruptura completa entre norte e sul, originando o Reino da Bélgica independente em outubro de 1830.<sup>188</sup>

O país teve posição ativa nas duas Grandes Guerras, possuindo uma postura de forte influência internacional e, inclusive, de colonialismo, tendo recebido algumas colônias no território africano durante a partilha na Conferência de Berlim (1884-1885).

A despeito de levar uma missão filantrópica para a região da Bacia do Rio do Congo, o rei Leopoldo II tomou a posse de 2 milhões de km<sup>2</sup> do local que nomeou de “Estados Livres do Congo”, atual República Democrática do Congo, formando sua colônia. Entretanto, o real objetivo foi a exploração de recursos naturais valiosos à época, o que fizeram por meio da escravização de congoleses, arbitrariedade esta que

---

<sup>187</sup> Molle, Leen Van; Materné, Jan Maria Juul. **Bélgica**. Encyclopedia Britannica, 27 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Belgium>. Acesso em: 29 mai. 2024.

<sup>188</sup> *Ibidem*.

ocasionou um massacre brutal de, aproximadamente, 10 milhões de pessoas.<sup>189</sup>

Apesar da sucessão de atrocidades cometidas durante o domínio belga na região, atualmente, os dois países possuem uma relação diplomática estável. Em 2022, o rei Philippe, em um gesto simbólico de paz, devolveu ao país um artefato étnico tomado durante o período colonial, ocasião em que condenou o passado hostil e as ações belga no referido período.<sup>190</sup>

Além disso, em 1919, com o Tratado de Versalhes, o território Ruanda-Urundi foi passado para o domínio da Bélgica que administrou as colônias até sua independência. Nesse período não houve mudança para Ruanda, pois a segregação entre os povos Tutsis e Hutus persistiram sob a governança belga. O domínio colonial intensificava as tensões entre esses povos, uma vez que os Tutsis queriam a transferência de poder, o que foi apoiado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1960, mas não houve cessão do país ex-colonizador, questão esta que acirrou a violência. Em 1961, a Bélgica cedeu autonomia interna para a colônia e formou um governo de transição.<sup>191</sup>

Atualmente, o comportamento do país em suas relações internacionais indica uma condenação das ações cometidas no passado,

---

<sup>189</sup> A terrível história de atrocidades do domínio belga no Congo. Direção de Silvia Salek. Intérpretes: Julia Braun. [S.l.]: BBC News, 2022. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FXgJiThAMI8&t=456s>. Acesso em: 29 mai. 2024.

<sup>190</sup> Reuters. **Rei Belga Devolve Máscara Tradicional Ao Congo Em Gesto Simbólico de Restituição**. CNN Brasil, 08 jun. 2022. Disponível em: [www.cnnbrasil.com.br/internacional/rei-belga-devolve-mascara-tradicional-ao-congo-em-gesto-simbolico-de-restituicao/](http://www.cnnbrasil.com.br/internacional/rei-belga-devolve-mascara-tradicional-ao-congo-em-gesto-simbolico-de-restituicao/). Acesso em: 29 mai. 2024.

<sup>191</sup> Ruanda, 1962. Memorial da Democracia. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/africa/rw#:~:text=A%20partir%20de%201919%2C%20a,cargos%20administrativos%20delegados%20pelos%20colonizadores>. Acesso em: 29 mai. 2024.

entretanto, os pedidos de desculpa das autoridades ainda não satisfazem as pessoas que carregam as raízes das consequências das tragédias coloniais.<sup>192</sup>

## 7.2 FRANÇA

Com uma população de 66 milhões de habitantes, a República Francesa está localizada no noroeste da Europa. O país desempenhou um papel significativo nas questões internacionais, tendo em vista que possuiu diversas colônias por diversas regiões do globo, fato que disseminou sua cultura e influência pelo globo.<sup>193</sup>

Atualmente, a França tem uma forte posição quando trata-se de relações exteriores, emergindo como um membro líder da União Europeia e integrando o comando militar da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), bem como é membro da Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE) e da Força Europeia.<sup>194</sup>

A política externa da nação francesa é baseada em uma tradição diplomática do próprio país, construída por vários séculos, contendo alguns princípios fundamentais, quais sejam o direito dos povos de dispor de si mesmos, respeito aos direitos humanos, aos princípios democráticos e aos Estado de Direito. Apesar de ser muito empenhado em salvaguardar sua independência nacional, o país valoriza o trabalho

---

<sup>192</sup> Schreuer, Milan. Bélgica pede desculpas por sequestrar crianças de colônias africanas. O Globo - Mundo, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/belgica-pede-desculpas-por-sequestrar-criancas-de-colonias-africanas-23573403>. Acesso em: 29 maio 2024.

<sup>193</sup> Drinkwater, João Frederico; Popkin, Jeremy David; Wright, Gordon. **França**. Encyclopedia Britannica, 27 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/France>. Acesso em: 27 mai. 2024.

<sup>194</sup> *Ibidem*.

pelo desenvolvimento de solidariedades regionais e, principalmente, internacionais.<sup>195</sup>

Em referência às relações com o continente africano, estas existem desde o período colonial, uma vez que a França possuía tantas colônias em África. O reflexo disso é a forte influência deixada pelo país no continente, entretanto, essa influência não foi, em suma, positiva.<sup>196</sup>

A dominação francesa no continente africano deixou consequências que abalaram a arquitetura da região. Até os dias atuais, os franceses intervêm em assuntos africanos, promovendo intervenções militares ou sustentando governos de acordo com seus interesses. Ou seja, apesar da dissolução do colonialismo, o país segue com a política intervencionista, principalmente, em nações que estiveram sob sua dominação imperial.<sup>197</sup>

Além disso, a persistência da intervenção francesa também é propícia pela maneira com que o país relaciona-se com os novos Estados, configurando uma estratégia política por meio da celebração de acordos de assistência financeira, cooperação financeira e militar. Exemplo disto foi a recente desocupação do exército francês no Níger, ocasião em que protegia as elites francesas que dominavam a política local, prejudicando a democracia e autonomia política do país.<sup>198</sup>

---

<sup>195</sup> Consulado Geral da França em Recife. **Política Externa: Política Francesa**. 2014. Disponível em: <https://recife.consulfrance.org/Politica-externa>. Acesso em: 28 mai. 2024.

<sup>196</sup> *Ibidem*.

<sup>197</sup> *Ibidem*.

<sup>198</sup> Valdespino, Gregory. **Como a França continuou explorando suas ex-colônias africanas**. 2023. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2023/12/como-a-franca-continuou-explorando-suas-ex-colonias-africanas/>. Acesso em: 29 mai. 2024.



## 8 BRICS

O BRICS é uma associação intergovernamental de cinco grandes economias emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. O bloco foi estabelecido em 2009, com a África do Sul se juntando em 2010.<sup>199</sup> Os países do BRICS têm uma população combinada de cerca de 3,21 bilhões de pessoas, quase 42% da população mundial. Juntos, eles cobrem aproximadamente 26,46% da superfície terrestre do mundo, tornando-os uma força significativa.<sup>200</sup>

A cooperação dentro do BRICS é baseada em princípios de soberania, não-interferência, igualdade e benefício mútuo. Eles têm se concentrado na cooperação econômica, mas também têm trabalhado juntos em áreas como desenvolvimento sustentável, ciência e tecnologia, saúde e educação.<sup>201</sup> Os países que compõem o BRICS, com exceção da Rússia, passaram por um período de colonialismo europeu, e veem a organização como um meio para alcançar a autossuficiência e o desenvolvimento para os estados pós-coloniais no Sul Global.<sup>202</sup>

O BRICS não possui um procedimento formal de admissão, no entanto, qualquer novo membro precisa ser aprovado de forma unânime pelos membros atuais. Foi anunciado na Cúpula do BRICS de 2023 na África do Sul a inclusão da Arábia Saudita, Irã, Emirados Árabes Unidos,

---

<sup>199</sup> **Brics.** Senado Notícias (org.). Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/bric>. Acesso em: 31 maio 2024.

<sup>200</sup> Planalto Governo Brasileiro. **História do BRICS.** Disponível em:

<https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/reuniao-do-brics-2023/historia-do-brics>. Acesso em: 31 maio 2024.

<sup>201</sup> *Ibidem.*

<sup>202</sup> Kenny, Miles. **BRICS.** Encyclopedia Britannica, 30 mai. 2024. Disponível em:

<https://www.britannica.com/topic/BRICS>. Acesso em 1 de junho de 2024.

Egito, Etiópia e Argentina como novos membros. A adesão oficial desses países à organização ocorreu em janeiro de 2024, formando-se o BRICS+.<sup>203</sup>

## 8.1 BRASIL

A República Federativa do Brasil é o maior país da América do Sul, de modo que suas fronteiras tocam todas as suas nações, com exceção do Chile e Equador. A sua capital é Brasília, mas São Paulo e Rio de Janeiro são as suas cidades mais populosas e famosas. Muito embora os seus países vizinhos tenham como língua materna o Espanhol, por terem sofrido com a colonização espanhola, o Brasil se diferencia por ter como idioma oficial o Português, já que foi colonizado por Portugal.<sup>204</sup>

Geograficamente, o Brasil abrange uma vasta área de 8,5 milhões de quilômetros quadrados, com uma topografia diversificada que inclui planaltos, montanhas, planícies, florestas tropicais e uma extensa costa litorânea. O Brasil abriga a maior floresta tropical do mundo, a Amazônia, e o maior rio em volume de água, o Rio Amazonas. Já no que se refere ao espectro cultural, o Brasil é um caldeirão de influências, resultado da mistura de povos indígenas, portugueses, africanos e imigrantes de várias partes do mundo.<sup>205</sup>

O Brasil e a África estão profundamente ligados através da

---

<sup>203</sup> Bordallo, Emanuelle. **Brics se expande como força antagônica aos EUA e com agenda pela desdolarização**, 1 de janeiro de 2024. O Globo. Acesso em 27 de maio de 2024.

<sup>204</sup> James, Preston E.; Schneider; Ronald Milton; Martins, Luciano; Momsen, Richard P. and Burns, E. Bradford. **Brazil**. *Encyclopædia Britannica*, 29 de maio de 2024, Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Brazil>. Acesso em 31 de maio de 2024.

<sup>205</sup> *Ibidem*.

Diáspora Africana, compartilhando laços históricos, uma herança colonial comum e desafios sociopolíticos semelhantes. Durante o período do tráfico transatlântico de escravizados, milhões de africanos foram levados à força para o Brasil. Isso resultou em uma rica tapeçaria cultural que é uma característica distintiva do país até hoje, desempenhando um papel importante na formação da identidade brasileira. Além disso, existe uma importante relação política e econômica entre o Brasil e várias nações africanas na contemporaneidade.<sup>206</sup>

Sobre a questão do autoritarismo, o Brasil enfrentou um período marcante no qual sofreu com a ditadura militar, que durou de 1964 a 1985. Durante este tempo, os direitos civis e políticos foram severamente restringidos e a censura foi amplamente praticada.<sup>207</sup> Embora o Brasil tenha feito a transição para a democracia desde então, o legado do autoritarismo ainda é sentido e discutido, especialmente em relação a questões de justiça social e direitos humanos. No cenário interno, os debates sobre a erosão das instituições democráticas e a polarização política têm sido frequentes, gerando preocupações sobre o ressurgimento de políticas e retóricas autoritárias.<sup>208</sup>

O Brasil, como membro do BRICS, tem desempenhado um papel ativo em promover a cooperação econômica e política entre os países

---

<sup>206</sup> Marques, Lorena. **Diáspora africana, você sabe o que é?** 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/diaspora-africana-voce-sabe-o-que-e>. Acesso em: 31 maio 2024.

<sup>207</sup> Santos, D.D. **Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho**. Rio de Janeiro: Ponteio (2013). Disponível em: [https://xn--historia-o0a.ufrj.br/images/documentos/livro\\_ditadura\\_militar.pdf](https://xn--historia-o0a.ufrj.br/images/documentos/livro_ditadura_militar.pdf) . Acesso em 25 de maio de 2024.

<sup>208</sup> Grutzamann, Lidiane; Schilling, Flávia. **A desinformação e os discursos autoritários: A democracia ameaçada e o desafio à educação**. Linguagens, Educação e Sociedade, v. 27, n. 54, p. 170-198, 2023.

emergentes.<sup>209</sup> Em relação à África, a política externa brasileira tem sido caracterizada por uma crescente atenção a este continente. O país tem aumentado a sua presença na África através de iniciativas de cooperação bilateral e multilateral, particularmente nas áreas de desenvolvimento econômico, segurança e saúde. A estratégia se baseia no princípio da cooperação Sul-Sul, que busca promover o desenvolvimento mútuo através da cooperação baseada na igualdade e no benefício mútuo.<sup>210</sup>

## 8.2 CHINA

A China, oficialmente conhecida como República Popular da China, é o país mais populoso do mundo. A moeda oficial é o yuan renminbi e o idioma oficial é o mandarim. Existem 56 grupos étnicos oficialmente reconhecidos na China, sendo o grupo Han o mais numeroso, constituindo cerca de 92% da população total. O idioma oficial é o mandarim, no entanto, existem vários outros idiomas e dialetos falados em diferentes regiões, incluindo cantonês, shanghainês, min nan, jin, e outros.<sup>211</sup>

Ademais, abriga uma variedade de ecossistemas. No norte, a vastidão do deserto de Gobi se estende, enquanto no sul, florestas tropicais úmidas dominam a paisagem. A cordilheira do Himalaia, com seus picos cobertos de neve, se eleva no oeste, e no leste, rios majestosos como o Yangtze e o Amarelo fertilizam vastas planícies. Em

---

<sup>209</sup> Visentini, Paulo et al. **BRICS: as potências emergentes: China, Rússia, Índia, Brasil e África do Sul**. Editora Vozes Limitadas, 2013.

<sup>210</sup> Intanque, Sabino Tobana; Klein, Madalena. **Brasil África: cooperação Sul-Sul, a UNILAB e a dimensão decolonial**. 2023.

<sup>211</sup> Suzuki, Chusei et al. **China**. Encyclopedia Britannica, 30 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/China>. Acesso em 31 de maio de 2024.

consonância com sua grandiosidade geográfica, a história chinesa é marcada pela sucessão de poderosas dinastias, começando com a dinastia Xia por volta de 2070 a.C. A China também experimentou períodos de grande turbulência, como as guerras e revoluções do século XX, que moldaram a nação moderna.<sup>212</sup>

A China, sob a liderança do Partido Comunista da China (PCC), é frequentemente caracterizada como um estado autoritário, especialmente pela mídia ocidental. O PCC detém o controle sobre o governo e a mídia, limitando à dissidência política. No entanto, o partido também implementou uma série de reformas econômicas que transformaram a China em uma das maiores economias do mundo. Isso levou a um aumento significativo no padrão de vida dos chineses, apesar das restrições políticas e civis.<sup>213</sup>

Como membro do BRICS, a nação desempenha um papel de relevância no palanque internacional. Conforme parte da sua estratégia de "diplomacia de recursos", o país vem estreitando suas relações diplomáticas com vários países africanos.<sup>214</sup> Este relacionamento é muitas vezes caracterizado por investimentos maciços em infraestrutura, em troca de acesso a recursos naturais. Para a China, as suas ações são uma

---

<sup>212</sup> *Ibidem.*

<sup>213</sup> Andrade, Thomas; Palludeto, Alex. **O Partido Comunista Chinês no Século XXI: Organização político-institucional, socioeconômico e legitimidade (2006-2016)**. In: XXIX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP. 2021, Campinas. Disponível em: <https://proceedings.science/unicamp-pibic/pibic-2021/trabalhos/o-partido-comunista-chines-no-seculo-xxi-organizacao-politico-institucional-soci?lang=pt-br>. Acesso em: 31 Mai. 2024.

<sup>214</sup> Silva, Flávio. **A visão chinesa das relações internacionais e a política externa de Xi Jinping: a faixa e rota como instrumento de redefinição da ordem internacional**. 2023. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/7493> . Acesso em 29 de maio de 2024.

forma de cooperação Sul-Sul e contribuem para o desenvolvimento dos países africanos.<sup>215</sup>

---

<sup>215</sup> Carvalho, David Filipe. **O papel da diplomacia empresarial na política externa da China no continente africano**. 2023. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa (Portugal). Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/27230/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20David%20Carvalho.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2024.

## 9 FEDERAÇÃO RUSSA

A Rússia, oficialmente conhecida como Federação Russa, é o maior país do mundo em termos de área, abrangendo mais de 17 milhões de quilômetros quadrados e fazendo fronteira com 16 países. Sua capital é Moscou, e a língua oficial é o russo. A Rússia é um país transcontinental, situado tanto na Europa quanto na Ásia, com a maior parte de seu território localizado na Ásia.<sup>216</sup>

A Rússia é uma república federal semipresidencialista, com um presidente poderoso. Vladimir Putin tem sido uma figura central na política russa desde 2000, seja como presidente ou primeiro-ministro. A política externa russa é assertiva, com ênfase em reafirmar a influência na ex-União Soviética e se opor ao que vê como expansão da OTAN.<sup>217</sup>

Recentemente grupos militares como o grupo Wagner criaram esferas de influência no continente africano com o intuito de criarem uma disruptura em países que ainda tem uma forte dependência com seus ex-colonizadores europeus. Assim como também o enfrentamento de grupos rebeldes que buscam criar um cenário favorável a golpes políticos, a exemplo das tentativas na República Centro Africana, onde foi empenhado mais de 200 militares russos pertencentes ao grupo Wagner.<sup>218</sup>

---

<sup>216</sup> HOSKING, Geoffrey. *Russia and the Russians: a history*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

<sup>217</sup> FLORES, Rafael Sánchez. *A History of Russia*. Oxford University Press, 2013.

<sup>218</sup> **GRUPO Wagner seguirá operando no Mali e na Rep Centro-Africana, diz Rússia: o grupo armado é acusado de cometer abusos ou saquear recursos naturais em seus locais de operação.** [s. l.], 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/grupo-wagner-seguira-operando-no-mali-e-na-rep-centro-africana-diz-russia/>. Acesso em: 1 jun. 2024.

A influência da Rússia no continente africano tem sido uma parte significativa das dinâmicas geopolíticas na região ao longo do século passado. Embora historicamente eclipsada pela influência ocidental, a Rússia (e anteriormente a União Soviética) desempenhou papéis diversos e às vezes controversos na política, economia e segurança africanas.<sup>219</sup>

A Rússia continua a manter relações diplomáticas com a maioria dos países africanos e busca expandir sua presença no continente. Isso inclui o envolvimento em iniciativas de resolução de conflitos, como na Líbia e na República Centro-Africana, bem como a venda de armas e equipamentos militares para várias nações africanas.<sup>220</sup>

No entanto, a crescente influência russa na África também levantou preocupações sobre questões como direitos humanos, governança democrática e transparência em negócios e contratos. Além disso, a competição entre a Rússia e outras potências globais, como a China e os Estados Unidos, por recursos e influência na África, pode levar a tensões e rivalidades.<sup>221</sup>

Em suma, a influência da Rússia no continente africano é multifacetada e continua a evoluir em um cenário geopolítico complexo e dinâmico.

---

<sup>219</sup> **DW.** A relação da Rússia com África compensa. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/a-relação-da-rússia-com-áfrica-compensa/a-61138923>. Acesso em: 1 jun. 2024.

<sup>220</sup> **DW. Rússia reposiciona-se em África com novo grupo militar.** Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/rússia-reposiciona-se-em-áfrica-com-novo-grupo-militar/a-64558207>. Acesso em: 01 jun. 2024.

<sup>221</sup> **VOA Português. Na visita de Lavrov a África, a Rússia aproveita oportunidades.** 2022. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/na-visita-de-lavrov-a-africa-a-russia-aproveita-oportunidades/6681034.html>. Acesso em: 1 jun. 2024.





## REFERÊNCIAS

NEL, Andres; et. al. South Africa. Enciclopédia Britannica. 2024.  
Disponível em: <https://www.britannica.com/place/South-Africa>. Acesso em: 28 maio 2024.

População total da África do Sul. World Bank, 2022. Disponível em: [https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?end=2022&locations=ZA&most\\_recent\\_value\\_desc=true&start=2022&view=bar](https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?end=2022&locations=ZA&most_recent_value_desc=true&start=2022&view=bar). Acesso em: 28 maio 2024.

The World Factbook - South Africa. Central Intelligence Agency (CIA). Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/south-africa/#people-and-society>. Acesso em: 28 maio 2024.

Gastronomia de múltiplas influências. South African Tourism. Disponível em: <https://www.southafrica.net/br/pt/travel/article/gastronomia-de-m%C3%BAltiplas-influ%C3%A2ncias>. Acesso em: 28 maio 2024.

Member State Profiles. União Africana. Disponível em: [https://au.int/fr/etats\\_membres/profiles](https://au.int/fr/etats_membres/profiles). Acesso em: 28 maio 2024.

Member States. Nações Unidas. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/member-states>. Acesso em: 28 maio 2024.

G20 Member Countries. G20. Disponível em: <https://www.g20.org/pt-br>. Acesso em: 28 maio 2024.

Member States. Southern African Development Community. Disponível em:

<https://www.sadc.int/pt-pt/member-states>. Acesso em: 28 maio 2024.

What is apartheid? Enciclopédia Britannica. Disponível em:

<https://www.britannica.com/question/What-is-apartheid>. Acesso em: 28 maio 2024.

Biografia de Nelson Mandela. NELSON MANDELA FOUNDATION.

Disponível em:

<https://www.nelsonmandela.org/biography>. Acesso em: 28 maio 2024.

NGUTJINAZO, Okeri. África do Sul: quem são os candidatos às presidenciais. Jornal DW. 2024.

Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-002/%C3%A1frica-do-sul-quem-s%C3%A3o-os-candidatos-%C3%A0s-presidenciais/a-69204896>. Acesso em: 28 maio 2024.

THORNTON, John Kelly and Clarence-Smith, William Gervase. Angola.

Encyclopedia Britannica, 13 de abril

de 2023, <https://www.britannica.com/place/Angola>. Acesso em 22 maio de 2023.

DE SOUSA, Ana Carolina. O Movimento Popular Pela Libertação de Angola (MPLA): de elite revolucionária a elite dirigente, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166160>. Acesso em 30 de maio de 2024.

The World Factbook - South Africa. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/south-africa/#people-and-society>. Acesso em: 28 maio 2024.

PARSONS, Neil. Botswana. Enciclopédia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Botswana>. Acesso em: 28 maio 2024.

PARSONS, Neil. Botswana: Government and society. Enciclopédia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Botswana/Government-and-society>. Acesso em: 28 maio 2024.

PARSONS, Neil. Botswana: Religion. Enciclopédia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Botswana/Religion>. Acesso em: 28 maio 2024.

Member State Profiles. African Union. Disponível em: [https://au.int/fr/etats\\_membres/profiles](https://au.int/fr/etats_membres/profiles). Acesso em:

28 maio 2024.

Member States. Southern African Development Community. Disponível em:

<https://www.sadc.int/pt-pt/member-states>. Acesso em: 28 maio 2024.

Member States. Nações Unidas. Disponível em:

<https://www.un.org/en/about-us/member-states>. Acesso em: 28 maio 2024.

Commonwealth Member States. The Commonwealth. Disponível em:

<https://thecommonwealth.org/>. Acesso em: 28 maio 2024.

Botswana: Freedom in the World 2023 Country Report. Freedom House.

Disponível em:

<https://freedomhouse.org/country/botswana/freedom-world/2023>. Acesso em: 29 maio 2024.

World Factbook Glyph. Central Intelligence Agency (CIA). 2024.

Disponível em:

<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/mozambique/summaries>. Acesso em: 27 maio. 2024.

SHELDON, K. E.; PENVENNE, J. M. Mozambique, 26 maio 2024. (Nota técnica).

SHELDON, K. E.; PENVENNE, J. M. Mozambique, 26 maio 2024. (Nota técnica).

HISTORY of Namibia. Encyclopaedia Britannica, 2023. Disponível em: <https://www.britannica.com/summary/Namibia>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Namíbia summary. Encyclopaedia Britannica, 2023.

Disponível em: <https://www.britannica.com/summary/Namibia>. Acesso em: 01 jun. 2024.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Namibia - Independence, Colonization, Apartheid.

Encyclopaedia Britannica, 2023. Disponível em:

<https://www.britannica.com/summary/Namibia>. Acesso em: 01 jun. 2024.

UNITED NATIONS. The UN's role in Namibian independence.

Disponível em:

<https://namibia.un.org/en/175388-celebrating-namibias-independence>. Acesso em: 1 jun. 2024.

RÉPUBLIQUE CENTRAFRICAINE. Central African Republic. [s. l.], 2024. Disponível em:

<https://www.afdb.org/fr/countries/central-africa/central-african-republic>. Acesso em: 22 maio 2024.

REPÚBLICA Centro-Africana. [S. l.], 2023. Disponível em:  
<https://www.acnur.org/portugues/republica-centro-africana/>. Acesso em:  
22 maio 2024.

DACKO, David. LA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA: a la hora de la  
independencia. LA  
REPÚBLICA CENTRO AFRICANA. 2001. Disponível em:  
[https://obtienearchivo.bcn.cl/obtienearchivo?id=documentos/10221.1/647  
62/1/212699.pdf](https://obtienearchivo.bcn.cl/obtienearchivo?id=documentos/10221.1/64762/1/212699.pdf). Acesso em: 22 maio  
2024.

Rerpartições Consulares na República Centro-Africana. Governo do  
Brasil, 2022. Disponível em:  
[https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/reparticoes-  
consulares-do-brasil/regiao/rep-centro-african  
a/republica-centro-africana](https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/reparticoes-consulares-do-brasil/regiao/rep-centro-african). Acesso em: 22 maio 2024.

REPÚBLICA Centro-Africana. [S. l.], 2020. Disponível em:  
[https://portaldascomunidades.mne.gov.pt/pt/rede-  
consular/africa/republica-centro-africana#:~:text=N%C3%A3o  
%20existe%20representa%C3%A7%C3%A3o%20diplom%C3%A1tica%  
20portuguesa,Disp%C3%B5e%20de%  
20Consulado%20Honor%C3%A1rio](https://portaldascomunidades.mne.gov.pt/pt/rede-consular/africa/republica-centro-africana#:~:text=N%C3%A3o%20existe%20representa%C3%A7%C3%A3o%20diplom%C3%A1tica%20portuguesa,Disp%C3%B5e%20de%20Consulado%20Honor%C3%A1rio). Acesso em: 22 maio 2024.

WAGNER GROUP. In: GLOBAL SECURITY. 2023. Disponível em:  
<https://www.globalsecurity.org/military/world/russia/wagner.htm>. Acesso  
em: 16 jun. 2024.

REPÚBLICA DO CONGO. In: ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA. 15. ed. São Paulo: Enciclopedia Britannica do Brasil, 2022. v. 7, p. 505-512.

SILVA, Maria A. da. O processo de independência na República do Congo. Revista de Estudos Africanos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 89-110, 2019.

LIMA, Rodrigo T. O caminho para a independência: a República do Congo. In: SANTOS, Ana P. (Org.). Movimentos de Independência na África. Salvador: Editora Afro-Brasileira, 2018. p. 155-175.

Independência da República do Congo. Enciclopedia Britannica, 15. ed. São Paulo/ Brasil, 2022. v. 8, p. 412-415.

Relatório sobre a independência da República do Congo.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.

Disponível em: <<https://www.onu.org/relatorio/independencia-congo>>.

Acesso em: 01 jun. 2024.

WIESE, Bernd Michael; LEMARCHAND, René; CORDELL, Dennis D. e PAYANZO, Ntsomo. República

Democrática do Congo. Enciclopédia Britânica , 28 de maio. 2024.

Disponível em:



<https://www.britannica.com/place/Democratic-Republic-of-the-Congo>.  
Acesso em: 1 de junho de 2024.

RUTZ, Michael A. O Congo do Rei Leopold e a Corrida pela África: uma breve história através dos documentos. Indianapolis: Hackett Publishing Company Inc. 2018.

Congo-Kinshasa, 1960. Memorial da Democracia. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/africa/cd>. Acesso em: 10 de jun de 2024.

MUNANGA, Kabengele. A república democrática do Congo–RDC. Casa das Áfricas: São Paulo, 2007.

Disponível em:

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12917482/a-republica-democraticado-congo-rdc-casa-das-africanas>.

Acesso em: Acesso em: 29 mai

Mobutu's Regime. Enciclopédia Britânica, 2020. Disponível em:

<https://www.britannica.com/place/Democratic-Republic-of-the-Congo/Mobutus-regime> . Acesso em: 29 mai.

2024.

Laurent Kabila. Enciclopédia Britânica , 25 de abril de 2024. Disponível em:

<https://www.britannica.com/biography/Laurent-Kabila>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

LEMARCHAND, René e CLAY, Daniel. Ruanda. Enciclopédia Britânica , 1º de junho de 2024,  
<https://www.britannica.com/place/Rwanda>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

Hutu. Enciclopédia Britânica , 7 de março de 2024. Disponível em:  
<https://www.britannica.com/topic/Hutu>.  
Acesso em: 24 de maio de 2024.

Tutsi. Enciclopédia Britânica , 17 de maio de 2024. Disponível em:  
<https://www.britannica.com/topic/Tutsi>.  
Acesso em: 24 de maio de 2024.

PESSANHA, Clarice C. Franco; FILHO, José Carlos de Azevedo; LOBO, Anastácia. A CONFERÊNCIA DE BERLIM. XII SEMANA DE EXTENSÃO XVI JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA 2014, REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS-CAMPUS NITERÓI, ed. Nº10, 26 ago. 2008. Disponível em:  
<http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=2552>. Acesso em: 28 mai. 2024.

DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; SÁ, Magali Romero; CLICK, Thomas (Orgs.). A recepção do darwinismo no Brasil. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003 (História e saúde

collection). Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/txcs6/pdf/domingues9788575414965.pdf> .

Acesso em: 14 mai 2024. p. 13.

UZOIGWE, Godfrey. Partilha europeia e a conquista da África: apanhado geral. In: BOAHEN, Adu (coord.).

História Geral da África. v. VII. Brasília, DF: UNESCO, 2010.

FONSECA, Danilo Ferreira da. Revolução e descolonização em Ruanda: entre projetos étnicos e projetos

de classe. Anos 90, Rio Grande do Sul, Brasil, v. 26, n. 2019010, 20 abr. 2019. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/journal/5740/574069672014/html/#:~:text=A%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20de%201959%20foi,conhecido%20como%20a%20Revolu%C3%A7%C3%A3o%20Hutu..>

Acesso em: 25 maio 2023

Juvénal Habyarimana. Enciclopédia Britânica , 8 de fevereiro de 2024,

<https://www.britannica.com/biography/Juvenal-Habyarimana>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

MCKENNA, Amy. Frente Patriótica Ruandesa . Enciclopédia Britânica , 28 de abril de 2023,

<https://www.britannica.com/topic/Rwandan-Patriotic-Front>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

Genocídio de Ruanda em 1994 . Enciclopédia Britânica , 24 de janeiro

de 2024,

<https://www.britannica.com/event/Rwanda-genocide-of-1994>. Acesso em: 14 de março de 2024.

Paul Kagame. Enciclopédia Britânica , 12 de junho de 2024. Disponível em:

<https://www.britannica.com/biography/Paul-Kagame>. Acesso em: 1 de jun de 2024.

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. “Ruanda: A Primeira Condenação por Genocídio.”

Enciclopédia do Holocausto. Disponível em:

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/rwanda-the-first-conviction-for-genocide>. Acesso em: 13 de jun de 2024.

ECHENBERG, Myron et al. Burkina Faso. Enciclopédia Britannica, 31 mai. 2024,

<https://www.britannica.com/place/Burkina-Faso>. Acesso em 31 de maio 2024.

RAY, Carina. Thomas Sankara. Enciclopédia Britannica, 7 mai. 2024,

<https://www.britannica.com/biography/Thomas-Sankara>. Acesso em 1 de junho de 2024.

Centro de Estudos Estratégicos de África. Burkina Faso: Julho. 19 de março de 2019. Disponível em:

<https://africacenter.org/pt-pt/spotlight/elections-2024/burkinafaso/>.  
Acesso em 19 de maio de 2024.

DeLancey, Mark W. e Benneh, George. Camarões. Enciclopédia Britânica , 15 de maio. 2024,  
<https://www.britannica.com/place/Cameroon>. Acesso em 17 de maio de 2024.

NANA, Genevoix (2016), Language ideology and the colonial legacy in Cameroon schools: A historical perspective. *Journal of Education and Training*, n.º 4, v. 4, pp. 168-196.

DE OLIVEIRA, Guilherme Ziebell; CARDOSO, Nilton César Fernandes. A inação das Comunidades Econômicas Regionais no contexto da crise nos Camarões: Um retorno ao passado?. *Africana Studia*, n. 33, 2021.

FORDE, Enid R.A.; GAILEY, Harry A; and CLARK, Andrew. Gâmbia. Enciclopédia Britannica, 1 Jun. 2024.  
Disponível em: <https://www.britannica.com/place/The-Gambia>. Acesso em: 30 de maio de 2024.

Senhor Dawda Kairaba Jawara. Enciclopédia Britânica , 2024.  
Disponível em:  
<https://www.britannica.com/biography/Dawda-Kairaba-Jawara>. Acesso em 10 de jun de 2024.

Yahya Abdul Jammeh. Enciclopédia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Yahya-Abdul-Jammeh>. Acesso em: 10 de jun de 2024

BITTAYE-JOBEB, I. 2021. “O Impacto da Violência do Estado sobre as Mulheres Durante os 22 Anos de Ditadura na Gâmbia.” Tese de mestrado, City University of New York.

Adama Barrow. Enciclopédia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Adama-Barrow>. Acesso em 10 de jun de 2024

Sobre a CEDEAO. CEDEAO dos Povos: Paz e Prosperidade para Todos. Disponível em: <https://www.ecowas.int/about-ecowas/>. Acesso em: de jun de 2024.

Afrobarômetro, 2023. A maioria dos Gambianos afirma que o Governo demonstrou compromisso com a implementação das recomendações da Comissão da Verdade, Reconciliação e Reparações. Disponível em: <https://www.afrobarometer.org/articles/majority-of-gambians-say-government-has-shown-commitment-to-implementing-recommendations-of-the-truth-reconciliation-and-reparations-commission/>. Acesso em 12 de jun. de 2024.

SEKHU, Lesego. Comissão de Verdade, Reconciliação e Reparações da

Gâmbia (2017-2021). Centro para o Estudo da Violência e Reconciliação. Disponível em:

<https://atjhub.csvr.org.za/gambia-truth-reconciliation-and-reparations-commission-2017-2021/>. Acesso em: 10 de jun de 2024.

BOATENG, Ernest; AMANO, Davies; OLIVER; FAGE, John D. e MAIER, Donna J. Gana. Enciclopédia

Britânica , 1º de junho de 2024. Disponível em:

<https://www.britannica.com/place/Ghana>. Acesso em 1 de jun de 2024.

RODRIGUES, Natalia. ABPN. O Legado transformador do pan-africanismo: um novo amanhecer para

a diáspora negra, 2024. Disponível em:

<https://abpn.org.br/o-legado-transformador-do-pan-africanismo-um-novo-amanhecer-para-a-diaspora-negra/>.

Acesso em: 14 de jun de 2024.

Kwame Nkrumah. Enciclopédia Britânica, 7 de março de 2024.

Disponível em:

<https://www.britannica.com/biography/Kwame-Nkrumah>. Acesso em: 24 de maio de 2024.

Tenente General Joseph A. Ankrah. GANAWEB. Disponível em:

[https://www.ghanaweb.com/person/Lt-General-Joseph-A-Ankrah-119#google\\_vignette](https://www.ghanaweb.com/person/Lt-General-Joseph-A-Ankrah-119#google_vignette). Acesso em: 14 de jun de 2024.

Breve perfil: Akwasi Amankwa Afrifa. Justice Ghana. Disponível em:

<http://justiceghana.com/blog/research/profiles/brief-profile-akwasi-amankwaa-afrika/>. Acesso em: 12 de jun de 2024.

Ignatius Kutu Acheampong. Enciclopedia Britannica, 12 Jun. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Ignatius-Kutu-Acheampong>. Acesso em: 12 jun 2024.

PÉLISSIER, René; GALLI, Alecrim Elizabeth; LOBBAN, Ricardo André. Guiné-Bissau. Enciclopédia Britannica, 2 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Guinea-Bissau>. Acesso em: 23 mai.2024.

CABRAL, Amílcar. Our People are Our Mountains: Amilcar Cabral on the Guinean de Revolution. London: Committee for Freedom in Mozambique, Angola & Guiné, 1972.

BIJAGÓ, V. G. Os golpes de estado na Guiné Bissau: o cotidiano do poder no contexto da diversidade étnica e da construção nacional. Repositório Universidade Federal de Alagoas, 3 jun. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/riufal/3568>. Acesso em 24 mai. 2024.

SOUSA, M. G. DE. Guiné-Bissau : o golpe militar de 12 de Abril e a necessidade da reforma do sector de segurança. Repositório Universidade Lusíada, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11067/1024>. Acesso em 24 mai. 2024.



Lusa. Instabilidade em Bissau preocupa comunidade internacional. DW, 05 dez. 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/instabilidade-na-guin%C3%A9-bissau-preocupa-comunidade-internacional/a-67642256>. Acesso em: 24 mai. 2024.

Conferência da União - 35ª Sessão Ordinária, 2022, Adis Abeba, Etiópia. Relatório de Actividades do Conselho de Paz e Segurança (PSC) e Sobre a Situação de Paz e Segurança em África [...]. [S. l.: s. n.], 2022. p. 32. Disponível em: [https://au.int/sites/default/files/decisions/42725-Assembly\\_AU\\_Dec\\_813-838\\_XXXV\\_P.pdf](https://au.int/sites/default/files/decisions/42725-Assembly_AU_Dec_813-838_XXXV_P.pdf). Acesso em: 24 mai. 2024.

World Factbook Glyph. Central Intelligence Agency (CIA). 2024.

Disponível em:

<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/nigeria/>. Acesso em: 29 maio. 2024.

Ajayi, J.F. Ade , Udo, Reuben Kenrick , Falola, Toyin O. and Kirk-Greene, Anthony Hamilton Millard. Nigeria. Enciclopédia Britannica. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Nigeria>. Acesso em: 28 maio 2024.

McKenna, Amy. Bola Tinubu. Enciclopédia Britânica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Bola-Tinubu>. Acesso em: 28 maio 2024.

Ajayi, J.F. Ade , Udo, Reuben Kenrick , Falola, Toyin O. and Kirk-Greene, Anthony Hamilton Millard. Nigeria. Enciclopédia Britannica.

2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Nigeria>. Acesso em: 28 maio 2024.

Sobre a CEDEAO. Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental. Disponível em: <https://www.ecowas.int/sobre-a-cedeao/?lang=pt-pt>. Acesso em: 29 maio. 2024.

Opep. Organização dos Países Exportadores de Petróleo. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/guia-de-economia/opep>. Acesso em: 29 maio. 2024.

Ajayi, J.F. Ade , Udo, Reuben Kenrick , Falola, Toyin O. and Kirk-Greene, Anthony Hamilton Millard. Nigeria. Enciclopédia Britannica. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Nigeria>. Acesso em: 28 maio 2024.

Camara, Camila; Hargreaves, John D.; Clark, André. Senegal. Encyclopedia Britannica, 17 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Senegal>. Acesso em: 22 mai. 2024.

Senegal, 1960. Memorial da Democracia. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/africa/sn#:~:text=Em%201959%2C%20solicitaram%2C%20em%20conjunto>. Acesso em: 29 abr. 2024.

Abdou Diouf. Enciclopedia Britannica, 27 abr. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Abdou-Diouf>. Acesso em: 22 mai.

2024.

Mauritânia-Senegal: Dois países ainda de costas voltadas. Jornal E-Global, 2016. Disponível em: <https://e-global.pt/noticias/mundo/magrebe/mauritania-senegal-dois-paises-ainda-de-costas-voltadas/>. Acesso em: 24 mai. 2024.

Al Jazeera. Mauritanian refugees refuse to leave Senegal. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2014/5/8/mauritanian-refugees-refuse-to-leave-senegal>. Acesso em: 24 mai. 2024.

World Factbook Glyph. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/togo/summaries>. Acesso em: 27 maio. 2024.

DESCHAMPS, H. J.; DECALO, S. History of Togo, 9 jun. 2023. (Nota técnica).

World Factbook Glyph. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/togo/summaries>. Acesso em: 27 maio. 2024

World Factbook Glyph. Central Intelligence Agency (CIA). 2024. Disponível em:

<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/togo/summaries> .  
Acesso em: 27 maio. 2024.

DESCHAMPS, H. J.; DECALO, S. History of Togo, 9 jun. 2023. (Nota técnica).

MEHRETU, Assefa; CRUMMEY, Donald Edward; MARCUS, Harold G. Ethiopia. Enciclopédia Britannica, 29 apr. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Ethiopia>. Acesso em: 16 mai. 2024.

UNESCO World Heritage Convention. Lista del Patrimonio Mundial. Disponível em: <https://whc.unesco.org/es/list/?iso=et&search=&>. Acesso em: 19 mai. 2024.

Flags. In: Explained. Produção: Vox Media. Plataforma: Netflix, 30 jul. 2021. 1 VOD (25 min)

KRIPPAHL, Cristina. A democratização da Etiópia em causa. 09 jul. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/a-democratiza%C3%A7%C3%A3o-da-eti%C3%B3pia-em-causa/a-54114193>. Acesso em: 17 mai. 2024.

BBC News Brasil. As pistas de um massacre esquecido na guerra da Etiópia. 8 nov. 2022. (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NKoajl01ggk>. Acesso em: 19 mai. 2024.

World Factbook Glyph. Central Intelligence Agency (CIA). 2024.  
Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/tanzania/summaries/> . Acesso em: 27 maio. 2024.

MASCARENHAS, A. C. et al. Tanzânia, 29 de maio de 2024. (Nota técnica).

Brown, L. Carl, Chanderli, Abdel Kader, Sutton, Keith e Zaimche, Salah. Argélia. Enciclopédia Britânica ,18 de maio. 2024,  
<https://www.britannica.com/place/Algeria>. Acessado em 18 de maio de 2024

YAZBEK, Mustafá. Argélia: a guerra e a independência. São Paulo: Brasiliense, 1983, p.18.

POERNER, Arthur José. Argélia: O Caminho da Independência. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.29.

JAMES, Gilad. Introdução ao Egito. Gilad James Mystery School.  
Hopwood, Derek, Holt, Peter M., Little, Donald P., Baker, Raymond William, Smith, Charles Gordon e Goldschmidt, Arthur Eduard. Egito. Enciclopédia Britânica. Disponível em:  
<https://www.britannica.com/place/Egypt>. Acesso em 16 de maio de 2024.

World Factbook Glyph. Central Intelligence Agency (CIA). 2024.  
Disponível em:  
<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/egypt/>. Acesso em: 28

de maio

2024.Humankind Encyclopedia. 2024. Disponível em:  
[https://humankind-encyclopedia.games2gether.com/pt-br/warfare/game-content/units/Unit\\_LandUnit\\_Era6\\_Egypt\\_FreeOfficers](https://humankind-encyclopedia.games2gether.com/pt-br/warfare/game-content/units/Unit_LandUnit_Era6_Egypt_FreeOfficers). Acesso em: 14 jun. 2024.

Baker, Peter; Walsh, Declan. Trump Shifts Course on Egypt, Praising Its Authoritarian Leader. The New York Times, 2017. Acesso em: 30 de maio 2024

LAROUÏ, Abdallah; MILLER, Susan Gilson; BROWN, L. Carl; SWEARINGEN, Will D.; BARBOUR, Nevill. Morocco. Encyclopedia Britannica, 15 mai. 2024. Disponível em:  
<https://www.britannica.com/place/Morocco>. Acesso em: 20 mai. 2024.

CARDINALLI, Marcos. Marrocos: história, ancestralidade e diversidade cultural. 2 jan. 2023. Disponível em:  
<https://www.genera.com.br/blog/marrocos-historia/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

ROCHA, Ana Paula. A fome velada no Marrocos. Brasil de Fato. 14 out. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/14/a-fome-velada-no-marrocos>. Acesso em: 20 mai. 2024.

HICHAM, Moulay. Entre o autoritarismo e a esperança democrática. Diplomatique. 3 nov. 2016. Disponível em:

<https://diplomatie.org.br/entre-o-autoritarismo-e-a-esperanca-democratica/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

MURPHY, Emma; BROWN, L. Carl; CLARKE, John Innes; TALBI, Mohamed; BARBOUR, Nevill. Tunísia. Encyclopedia Britannica. 26 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Tunisia>. Acesso em: 26 mai. 2024.

LUZ, Camila. Primavera Árabe: o que aconteceu no Oriente Médio? Politize! 20 dez. 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/primavera-arabe/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

BBC. Tunísia: perfil do país que deu o pontapé inicial da Primavera Árabe. 14 nov. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63602554>. Acesso em: 24 mai. 2024.

HOLLEIS, Jennifer; GUIZANI, Tarak. Tunísia: Aumento da repressão marca período pré-eleitoral. DW. 3abr. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/tun%C3%ADsia-aumento-da-repress%C3%A3o-marca-per%C3%ADodo-pr%C3%A9-eleitoral/a-68729445>. Acesso em: 24 mai. 2024.

Áustria, Bélgica, Bulgária, Croácia, Chipre, República Checa, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polônia, Portugal, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Suécia.

Gabel, Mateus J. União Europeia. Enciclopédia Britannica, 27 mai. 2024. Disponível em:<https://www.britannica.com/topic/European-Union>. Acesso em: 27 mai. 2024.

European Parliament. Fact Sheets on the European Union: Relations beyond the neighbourhood - Africa.2023. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/factsheets/pt/sheet/180/africa>. Acesso em: 27 mai. 2024.

European Union. 6th European Union - African Union Summit: A Joint Vision for 2030. 18 fev. 2022.

Disponível em: [https://www.consilium.europa.eu/media/54412/final\\_declaration-en.pdf](https://www.consilium.europa.eu/media/54412/final_declaration-en.pdf). Acesso em: 27 mai. 2024.

Penna Filho, Pio; Badu, Koffi Robert. A França na África: as intervenções militares e suas motivações – o caso da Costa do Marfim. Carta Internacional, Brasília, p. 156-172, out. 2015. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/197/111>. Acesso em: 29 mai. 2024.

Molle, Leen Van; Materné, Jan Maria Juul. Bélgica. Encyclopedia Britannica, 27 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Belgium>. Acesso em: 29 mai. 2024.

A terrível história de atrocidades do domínio belga no Congo. Direção de



Silvia Salek. Intérpretes: Julia Braun. [S.l.]: BBC News, 2022. Son., color. Legendado. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=FXgJiThAMI8&t=456s>. Acesso em: 29 mai. 2024.

Reuters. Rei Belga Devolve Máscara Tradicional Ao Congo Em Gesto Simbólico de Restituição. CNNBrasil, 08 jun. 2022. Disponível em:  
[www.cnnbrasil.com.br/internacional/rei-belga-devolve-mascara-tradicional-ao-congo-em-gesto-simbolico-de-restituicao/](http://www.cnnbrasil.com.br/internacional/rei-belga-devolve-mascara-tradicional-ao-congo-em-gesto-simbolico-de-restituicao/). Acesso em: 29 mai. 2024.

Ruanda, 1962. Memorial da Democracia. Disponível em:  
<https://memorialdademocracia.com.br/africa/rw#:~:text=A%20partir%20de%201919%2C%20a,cargos%20administrativos%20delegados%20pelo%20colonizadores>. Acesso em: 29 mai. 2024.

Schreuer, Milan. Bélgica pede desculpas por sequestrar crianças de colônias africanas. O Globo - Mundo, 2019. Disponível em:  
<https://oglobo.globo.com/mundo/belgica-pede-desculpas-por-sequestrar-criancas-de-colonias-africanas-23573403>. Acesso em: 29 maio 2024.

Drinkwater, João Frederico; Popkin, Jeremy David; Wright, Gordon. França. Encyclopedia Britannica, 27 mai. 2024. Disponível em:  
<https://www.britannica.com/place/France>. Acesso em: 27 mai. 2024.

Consulado Geral da França em Recife. Política Externa: Política

Francesa. 2014. Disponível em: <https://recife.consulfrance.org/Politica-externa>. Acesso em: 28 mai. 2024.

Valdespino, Gregory. Como a França continuou explorando suas ex-colônias africanas. 2023. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2023/12/como-a-franca-continuou-explorando-suas-ex-colonias-africanas/>. Acesso em: 29 mai. 2024.

Brics. Senado Notícias (org.). Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/bric>. Acesso em: 31 maio 2024.

Planalto Governo Brasileiro. História do BRICS. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/agenda-internacional/missoes-internacionais/reuniao-do-brics-2023/historia-do-brics>. Acesso em: 31 maio 2024.

KENNY, Miles. BRICS. Encyclopedia Britannica, 30 mai. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/BRICS>. Acesso em 1 de junho de 2024.

BORDALLO, Emanuelle. Brics se expande como força antagônica aos EUA e com agenda pela desdolarização, 1 de janeiro de 2024. O Globo. Acesso em 27 de maio de 2024.

JAMES, Preston E.; SCHNEIDER; Ronald Milton; MARTINS, Luciano; MOMSEN, Richard P. and BURNS, E. Bradford. Brazil. Encyclopedia

Britannica, 29 de maio de 2024, Disponível em:

<https://www.britannica.com/place/Brazil>. Acesso em 31 de maio de 2024.

MARQUES, Lorena. Diáspora africana, você sabe o que é? 2023.

Disponível em:

<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/diaspora-africana-voce-sabe-o-que-e>. Acesso em: 31 maio 2024. SANTOS, D.D. Ditadura militar e democracia no Brasil: história, imagem e testemunho. Rio de Janeiro: Ponteiro (2013). Disponível em: [https://xn--histria-o0a.ufrj.br/images/documentos/livro\\_ditadura\\_militar.pdf](https://xn--histria-o0a.ufrj.br/images/documentos/livro_ditadura_militar.pdf) .

Acesso em 25 de maio de 2024.

GRUTZAMANN, Lidiane; SCHILLING, Flávia. A desinformação e os discursos autoritários: A democracia ameaçada e o desafio à educação. *Linguagens, Educação e Sociedade*, v. 27, n. 54, p. 170-198, 2023.

VISENTINI, Paulo et al. BRICS: as potências emergentes: China, Rússia, Índia, Brasil e África do Sul. Editora Vozes Limitadas, 2013.

INTANQUE, Sabino Tobana; KLEIN, Madalena. Brasil África: cooperação Sul-Sul, a UNILAB e a dimensão decolonial. 2023.

SUZUKI, Chusei et al. China. *Encyclopedia Britannica*, 30 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/China>. Acesso em 31 de maio de 2024.

ANDRADE, Thomas; PALLUDETO, Alex. O Partido Comunista Chinês

no Século XXI: Organização político-institucional, socioeconômico e legitimidade (2006-2016). In: XXIX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP. 2021, Campinas. Disponível em: <https://proceedings.science/unicamp-pibic/pibic-2021/trabalhos/o-partido-comunista-chines-no-seculo-xxi-organizacao-politico-institucional-soci?lang=pt-br>. Acesso em: 31 Mai. 2024.

SILVA, Flávio. A visão chinesa das relações internacionais e a política externa de Xi Jinping: a faixa e rota como instrumento de redefinição da ordem internacional. 2023. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/7493> . Acesso em 29 de maio de 2024.

CARVALHO, David Filipe. O papel da diplomacia empresarial na política externa da China no continente africano. 2023. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa (Portugal). Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/27230/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20David%20Carvalho.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2024.

HOSKING, Geoffrey. Russia and the Russians: a history. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

FLORES, Rafael Sánchez. A History of Russia. Oxford University Press, 2013.

GRUPO Wagner seguirá operando no Mali e na Rep Centro-Africana, diz Rússia: o grupo armado é acusado de cometer abusos ou saquear

recursos naturais em seus locais de operação. [s. l.], 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/internacional/grupo-wagner-seguira-operando-no-mali-e-na-rep-centro-africana-dizrussia/>. Acesso em: 1 jun. 2024.

DW. A relação da Rússia com África compensa. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/a-relação-da-rússia-com-áfrica-compensa/a-61138923>. Acesso em: 1 jun. 2024.

DW. Rússia reposiciona-se em África com novo grupo militar. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/rússia-reposiciona-se-em-áfrica-com-novo-grupo-militar/a-64558207>. Acesso em: 01 jun. 2024.

VOA Português. Na visita de Lavrov a África, a Rússia aproveita oportunidades. 2022. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/na-visita-de-lavrov-a-africa-a-russia-aproveita-oportunidades/6681034.html>. Acesso em: 1 jun. 2024.